Ano XVII — Lisboa, Setembro-Outubro de 1961 — N.os 197-198

SEMPRE PRONTO

NÚMERO DUPLO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607 — Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

A Imprensa e o Escotismo

Toda a Imprensa nacional se referiu ao Escotismo com especial simpatia e interesse por ocasião da Conferência Internacional de Escotismo, que se realizou no nosso país no mês de Setembro passado. O «Diário de Lisboa», no dia 20, ocupou quase uma página, inserindo uma fotografia do Fundador e algumas notas biográficas, bem como um interessante artigo sobre «O que é o escotismo e quais as suas finalidades», que esperamos transcrever no próximo número. «O Século», no dia 29, inseriu em fundo um notável e desassombrado artigo, no qual é feito com profundo conhecimento o elogio e apreço do Escotismo, atitude que bem merece a gratidão de todos nós, Escoteiros, motivo por que saudamos aquele matutino e o seu Director, Sr. João Pereira da Rosa.

Entretanto, porque o citado artigo nos parece do maior interesse e oportunidade, pedimos vénia para o transcrever nestas colunas, para que os nossos leitores, que não tenham tido ensejo de ler aquele diário, possam ter ocasião de o apreciar.

UM MOVIMENTO HUMANO DE EXCEPCIONAL GRANDEZA

A assembleia internacional de escoteiros, que há poucos dias se efectuou em Lisboa, trouxe à consideração pública duas demonstrações de natural interesse e flagrante oportunidade. Duzentos e cinquenta e cinco delegados de 57 países, representando muitos milhões de escoteiros de todas as raças e credos religiosos, revelaram em primeiro lugar a possibilidade de uma convivência segura, construtiva, e um espírito de fraternidade, de paz e de harmonia operante e profundamente humano; e, ao mesmo tempo, mostraram a eficiência de um método que durante largos anos lutou contra a incompreensão, a dúvida e a hostilidade.

No fundamento do Escotismo está, evidentemente, o natural desejo humano de colaboração para a conquista da felicidade geral; mas o processo é diferente, e provou até agora, e demonstra cada vez mais ser o único apropriado à satisfação daquele desejo natural.

Quando no alvorecer do século actual a guerra anglo-boer atingiu a fase decisiva, com largas perdas de sangue e de vidas, o general Baden-Powell, que dirigira a famosa defesa de Mafeking, observou que os ingleses sujeitos ao seu comando não se apresentavam aptos para a importante acção que a Grã-Bretanha exigia; revelavam o desgaste natural do comodismo e do conforto em que até então tinham vivido, e careciam, portanto, de qualidades para a competição com os homens criados ao ar livre, longe dos meios civilizados. A impressão que o facto lhe causou está na raiz da sua decisão, tomada logo no regresso a Londres, após a guerra. Lançou um movimento de regeneração física e moral, afirmando que «o meio de refazer as energias amolecidas da raça britânica era ensinado nos postos avançados das colónias inglesas, numa escola que era urgente adaptar aos meios europeus: a escola da

(Continua na página 2)

O SIGNIFICADO DA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE ESCOTISMO

A realização, entre nós, da 18.ª Conferência Internacional do Escotismo constitui para Portugal um privilégio de que muitos talvez ainda não tenham dado conta.

O Escotismo é, sem sombra de dúvida, o movimento educativo para a juventude de maior projecção no mundo, pois conta com uma população de perto de 8.900.000 (1) membros, muitos dos quais pessoas de grande prestígio, tais como professores catedráticos, médicos, cientistas, estadistas, oficiais superiores das forças armadas, directores de empresas de renome mundial, banqueiros, engenheiros, etc.

Dado que o movimento é reconhecido oficialmente em 71 países diferentes, pode se calcular que o nosso país, durante os dias em que funcionou a Conferência, constituiu um centro de atenção para milhões de pessoas que, quase no mundo inteiro, manifestam interesse pelo escotismo e seguem em pormenor todas as suas manifestações de vitalidade.

Na reunião de Lisboa estiveram presentes 255 delegados de 57 países e observadores de 4 outros países onde o movimento não foi ainda reconhecido. Algumas outras organizações de carácter educativo ou filantrópico também enviaram observadores à Conferência.

No entanto, para os que desconhecerem as funções das Conferências Internacionais dentro do Escotismo, diremos que reúnem de dois em dois anos em países diferentes, e são o órgão mais elevado do Movimento onde se aprovam as directrizes a recomendar a todo o mundo.

A organização mundial do escotismo dispõe ainda de um outro órgão — o Comité Internacional — de que fazem parte diversos membros, eleitos pelas Conferências In-

(Conclui na página 2)

UM MOVIMENTO HUMANO DE EXCEPCIONAL GRANDEZA

(Continuação da página 1)

vida selvagem». Preconizava, através do Escotismo que iria fundar, o desenvolvimento, entre a mocidade dos países civilizados, das faculdades de resistência física e moral e do poder de adaptação que caracterizam os jovens das tribos selvagens. Queria afastar os rapazes dos excessos da civilização e colocá-los em contacto íntimo com a Natureza, desenvolvendo-lhes, por exercícios adequados, os sentidos da vista, do ouvido e do olfacto, num meio ambiente exposto às faltas de conforto e e às intempéries. A par disso, visava a extinção do temor, que tantas vezes perturba o espírito dos jovens e origina a deformação dos seus caracteres. Mais do que por todas as tentativas de limitações de armamentos, ele entendia que a paz no Mundo podia ser alcançada tornando os jovens viris, corajosos, audaciosos e independentes, não para a luta, mas para a cooperação internacional onde pudessem revelar heroísmo, abnegação, solidariedade em todos os graus e aspectos. O seu principal objectivo, de um valor cívico indiscutível, era «a valorização do indivíduo para melhor servir a todos». E para isso trabalhou incansàvelmente, vencendo teimosamente os maiores obstáculos, até que a morte o levou, em 1941, quando precisamente o mundo vivia nos horrores da maior guerra da História e a sua acção, portanto, se mostrava, mais do que nunca, vantajosa e útil para o futuro da Humanidade.

Com a fundação dos «Boy Scouts», em 1910, ao mesmo tempo que sua irmã «miss» Agnes Baden-Powell criava as «Girls Guides», o general Baden-Powell estava bem longe de supor a forte irradiação do movimento em todo o Mundo, nos países civilizados como nos de grau médio ou inferior. A juventude das várias nações, com idealismo e generosidade naturais, sentiu o valor e a grandeza do empreendimento, e a ele se devotou com extraordinário entusiasmo, tomando-o como seu objectivo. Tornaram-se fortes e aptos para todas as tarefas, sob a mesma farda, com o mesmo estatuto e iguais aspirações de bondade, de operosidade e de solidariedade. O Escotismo expandiu-se ràpidamente e constitui hoje uma das maiores, se não a maior força moral com que o mundo pode contar. Fazer todos os dias uma boa acção, viver a vida de ar livre, tonificante, valorizadora, numa saudável convivência que não aceita diferenças de categoria social ou de riqueza nem de religião é, na verdade, a melhor regra que um jovem pode seguir para ser útil a si próprio e aos outros. O Escotismo é a forja de homens robustos e sadios, no corpo e na alma, no espírito e na acção. A sua irradiação tinha de ser, por isso, como foi através do tempo, enorme e profícua. Um estatuto que impõe a qualquer jovem, europeu, africano ou asiático, sob juramento prestado perante a bandeira da sua Patria, o amor Deus e à Humanidade; a obrigação de praticar, diàriamente, uma boa acção, de amar os animais e as plantas, de ser puro nos pensamentos e acções, de sorrir às dificuldades e procurar vencê-las. de impor a paz, a ordem e a harmonia universal, é, na verdade, um instrumento sólido de valorização humana e de progresso do mundo.

Nas reuniões que se efectuaram em Lisboa, centro do importante núcleo escotista português, foram examinados os resultados obtidos pelo Escotismo em cinquenta anos de existência; mas principalmente se encararam as possibilidades de aperfeiçoamento e de expansão do movimento. Contra a corrente do nosso tempo, que tantos milhares de rapazes afasta do bom caminho por culpa própria ou dos que deviam cuidar e não cuidam da sua formação moral em bases seguras, os escoteiros de todo o Mundo, fiéis à regra do fundador, travam a sua maior batalha e dão o exemplo da paz, da harmonia, da solidariedade, do desejo ardente de tornarem mais próspera, segura e feliz a Humanidade. Completamente fora das ambições dos homens que por todos os meios tornam cada vez mais infeliz a Humanidade, com sua ameaças e violências, os escoteiros servem a mais bela causa, sem necessidade das vantagens de intervenção e de comando na vida dos povos. São, em tudo, elementos operosos, construtivos, certos de que, só quando todos os homens forem como eles, idealistas e nobres, robustos e fortes, generosos e prestantes, as relações humanas criarão a base de um futuro digno e venturoso.

Reuniram-se os delegados de milhões de escoteiros de todo o Mundo, em Lisboa, num dos momentos mais agudos e graves na História da Humanidade, quando a maioria dos homens dirigentes, anunciando o seu desejo de paz e de cooperação, preparam a guerra e provocam a desarmonia e a subversão dos altos valores espirituais e morais; e assim puderam mostrar em ambiente pacífico, de saudável irmandade, que, aci-

(Conclui na página 3)

O SIGNIFICADO DA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE ESCOTISMO

(Conclusão da página 1)

ternacionais. Este Comité, que reúne, anualmente, tem o encargo de fornecer directrizes à Secretaria Internacional do Escotismo.

Este organismo — Secretaria Internacional — é um instrumento executivo, cuja sede é actualmente em Otava, no Canadá. O seu director é o major-general Spry, que também nos visitou.

Na 18.ª Conferência Internacional foram tratados assuntos de suma importância para o movimento, tais como a eleição de um terço dos membros do Comité, a reforma dos estatutos da organização, a apresentação de relatórios sobre o desenvolvimento do Escotismo em diversas partes do mundo e ainda o estudo e discussão de problemas diversos, como seja a preservação dos valores fundamentais do escotismo, novas ideias para o programa escotista, formação social do adolescente e o seu adestramento espiritual, o problema financeiro do escotismo ao nível local e nacional, etc.

Através do relato que publicamos neste número, poderão os nossos estimados leitores fazer uma ideia de forma como decorreram os trabalhos e os resultados a que se chegaram.

Os representantes de Chipre, Laos, Madagáscar, Marrocos e Nigéria tomaram assento, pela primeira vez, nestas conferências.

---

(1) **Neste número não está incluído o Movimento das Guias (Escoteiras), que tem os seus órgãos privativos e possui cerca de 5 milhões de membros. Estão também excluídas as organizações de Antigos-Escoteiros.**

TERTÚLIA DE SETEMBRO

A tertúlia de Setembro foi uma feliz reunião da Fraternal. Apesar das férias, compareceu um bom número de antigos escoteiros e suas famílias, que davam à sala um ambiente festivo. Foram convidados e deram o prazer de sua presença, o Sr. Dr. João Ribeiro dos Santos, Comissário Nacional de Adestramento e Delegado da União dos Escoteiros do Brasil; bem como toda a Delegação de Espanha constituída pelos Srs. Enrique Genovés, José Forasté, Víctor J. Jimenez Malo de Molina, Vicente Tarazona, Enrique Ortiz-Alonso e José Sans Coll, acompanhado de sua Esposa.

Os nossos visitantes conversaram animadamente com os seus companheiros de mesa e, no final, em nome da Direcção da Fraternal, o Sr. Quintino Pinheiro apresentou-lhes saudações. Foi lido um telegrama de saudações enviado de Vigo pelo Sr. Albano da Silva.

Seguidamente, todos os presentes se reuniram na Sede da Fraternal, onde o Dr. Eugénio Ramos saudou de novo os visitantes, tendo sido entregue a cada um o emblema da Fraternal.

Associações escoteiras representadas na 18.ª Conferência Internacional de Escotismo

África do Sul	3
Alemanha	4
Argentina	2
Arménia	2
Austrália	2
Áustria	3
Bélgica	5
Brasil	1
Canadá	2
Chile	2
China (Formosa)	1
Dinamarca	6
Estados Unidos	10
Filipinas	5
Finlândia	3
França	6
Grã-Bretanha	7
Grécia	5
Haiti	1
Holanda	3
Irão	2
Irlanda	3
Islândia	1
Israel	3
Itália	3
Japão	8
Jordânia	1
Kuwait	2
Laos	2
Líbano	6
Líbia	3
Liechtenstein	1
Luxemburgo	2
Madagáscar	1
Malaia	2
México	1
Marrocos	10
Nova Zelândia	1
Nigéria	7
Noruega	3
Paquistão	5
Portugal	6
República Árabe Unida	4
Sudão	1
Suécia	6
Suíça	5
Tailândia	3
Tunísia	1
Turquia	2
Venezuela	2

OBSERVADORES

Congo	2
Cuba	2
Espanha	6
Gabão	1
Rep. Central Africana	1
Exército de Salvação	1
Guias (Girl Guides)	1
Ass. Cristã da Mocidade	1

CONSELHO INTERNACIONAL

Grécia, Canadá, Irão, Suécia, Grã-Bretanha, Alemanha, Austrália e Holanda: 9 membros.

REPARTIÇÃO INTERNACIONAL

Membros	12
Intérpretes	2

Delegados, observadores e membros do Conselho e Repartição Internacional e outros organismos	208
Países	55



A história dum alfinete

Dois escoteiros, a quem designaremos por Alberto e Daniel, trabalhavam, alegres e bem dispostos, na sede. Um deles, Alberto, era secretário; o outro, tesoureiro do grupo.

Em dado momento, quando Daniel ia segurar uns papéis, arredou a cadeira, curvou-se, procurando qualquer coisa no chão.

— Que foi? Caiu alguma coisa? — perguntou o companheiro.

— Caiu-me um alfinete — respondeu Daniel, continuando a procurar.

— Não tens aí mais?

— Sim, tenho. Mas lá diz a nossa lei que o escoteiro é económico. Olha, cá está ele...

Daniel exibia, satisfeito, o alfinete.

— Supõe tu, agora, meu caro Alberto, que não tinhas outro aqui. Como prenderias os papéis?

— Tens razão, meu rapaz — retorquiu Alberto, um tanto enleado com as palavras do tesoureiro do grupo.

— A propósito, vou contar-te uma história verdadeira.

— Não me digas que o herói desse conto é um alfinete — observou, risonho, Alberto.

— Indirectamente, é. Ora ouve.

Postos de parte, por instantes, os documentos de receita e despesa do grupo, Daniel começou:

— Nos fins do século XVIII, em Paris, um rapaz pobre, chamado Jacques Laffite, natural de Baiona, filho de um pobre carpinteiro, chegado da província, foi ao palácio do opulento banqueiro Perrégaux pedir colocação nos seus escritórios. Acontece, porém, que o banqueiro nesse dia estava de mau humor e declarou não precisar de empregado. Claro está que Laffite saiu, muito tristonho. Mas — e aqui é que está o interesse da històriazinha — ao atravessar o pátio do paláeio, viu, entre as pedras, um alfinete. Baixou-se, apanhou-o e cravou-o na gola do casaco.

Neste momento, um escoteiro entrava na sede, trazendo um livro para Alberto. Quando ele saiu, Daniel continuou:

— Ora o banqueiro viu da janela o acto de Laffite e concluiu que o rapaz era, pelo menos, ordenado e económico. Reconsiderando, chamou-o e deu-lhe emprego.

— Vê lá tu como as coisas mudaram... — observou o Alberto.

O tesoureiro do grupo concluiu a sua história verdadeira:

— Jacques Laffite, em pouco tempo, passou de empregado a sócio. Por morte do banqueiro Perrégaux, veio a ser seu sucessor. Tornou-se um dos primeiros financeiros franceses e foi ministro das finanças do rei Luís Filipe. Uma sua filha casou com um filho do marechal Ney, *o bravo dos bravos*, príncipe de Moscowa. Ora vê lá tu, Alberto, como um simples alfinete modificou a vida do filho dum pobre carpinteiro de Baiona...

MANUEL FERREIRA

UM MOVIMENTO HUMANO DE EXCEPCIONAL GRANDEZA

(Conclusão da página 2)

ma de todas as divergências políticas ou religiosas, o que importa é praticar o bem, respeitar a ordem, promover a paz, abrir o grande sulco de colaboração de que a Humanidade precisa para se defender e para prosperar.

A tantos anos de distância, só há motivo para render preito de homenagem à memória daquele homem que, tendo vivido as horas duras e terríveis da guerra, embora vitorioso, entendeu que não era aquele o caminho da vida, mas sim o da valorização espiritual, moral e física da juventude—base de todas as construções humanas.



PÁGINA DO ESCOTEIRO

Meu caro Escoteiro:

Realizou-se há dias no nosso país a Conferência Internacional de Escotismo. Eu sei que estiveste no Fogo do Conselho realizado no Seminário dos Olivais e que ficaste impressionado pelo ambiente de sã confraternização que encontraste entre todos os Delegados, vindos de tantos cantos da Terra, pertencendo a diversas raças, o que aliás se verificava fàcilmente pelos diversos matizes da pele, embora em todas as faces reinasse o sorriso franco da amizade. O que talvez tenhas ignorado, porque se não torna tão evidente, é que estavam ali também representados diversos sectores de opinião e de crença. E, quando falo em crença, não me refiro apenas às diversas confissões cristãs, que, se alguma coisa as separa, poderão encontrar muito mais que as poderia unir. Estavam também presentes, mas vivendo na mesma harmonia e compreensão, israelitas, maometanos, budistas e outros de para nós estranhas religiões da África e do Oriente. No entanto, essas diferenças não afectavam em nada a boa vontade, o espírito escoteiro e a melhor amizade de todos. Compete-te a ti, meu caro Escoteiro, levar este mesmo espírito às fileiras da tua Patrulha, do teu Grupo e da tua Associação, porque isto é que é Escotismo.

Contamos contigo para esta tarefa. Um abraço do teu dedicado amigo

LOBO VELHO

JOGOS

A corrida das varas

(Para quatro patrulhas)

Associam-se duas patrulhas contra outras duas. Chamar-lhes-emos respectivamente patrulhas A, B, C e D. Colocam-se A e B frente a frente, a uma distância de 20 metros uma da outra, com os escoteiros formados em fila indiana. As patrulhas C e D fazem o mesmo, paralelamente aos seus adversários e separadas deles por uma distância de pelo menos 5 metros.

O Chefe, ou o instrutor, coloca-se ao centro do paralelogramo assim formado. (As posições respectivas dos concorrentes são indicadas muito claramente no esquema. abaixo).

```
********          ********
   A                 B

          CHEFE
            •

********          ********
   C                 D
```

O primeiro Escoteiro de cada uma das duas patrulhas, colocadas lado a lado, segura a vara. Ao sinal, dado pelo instrutor, os dois Escoteiros correm o mais depressa que podem até ao Escoteiro da patrulha aliada que lhes faz face, entregam-lhe a vara e colocam-se no fim da fila.

O jogo continua até que todos os Escoteiros tenham corrido, competindo ao último de cada campo levar a vara ao instrutor colocado no centro do jogo. Ganha evidentemente a patrulha que acabar primeiro

As duas patrulhas ou equipas serão naturalmente de igual número de jogadores, e cada um deve ficar perfeitamente imóvel no seu lugar até ao momento em que recebe a vara.

Se se jogar ao ar livre, será bem mais divertido se os jogadores tiverem um obstáculo no caminho, seja uma fossa, uma barreira ou outra coisa.

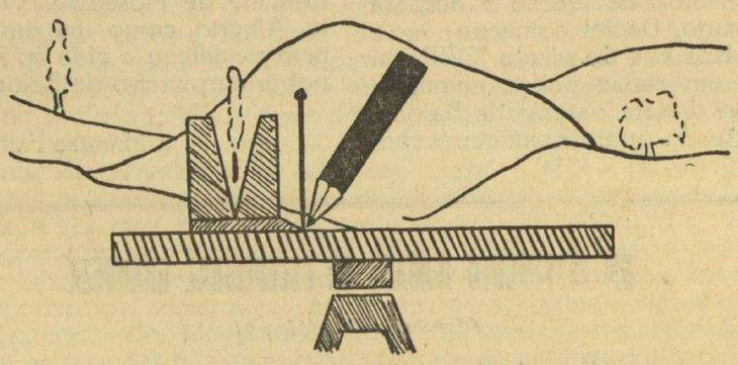
LEVANTAMENTOS TOPOGRÁFICOS

Acontece muitas vezes, ao fazer-se um levantamento topográfico, escassear-nos o tempo. Numerosas vezes somos obrigados a concluir apressadamente os últimos traços de lápis. Frequentemente não se transporta todo o material necessário sob pretexto de que é muito pesado ou muito incómodo. Eis aqui, segundo minha opinião, o material indispensável e que não tomará muito espaço no equipamento.

Uma alidade, régua graduada, munida em cada extremidade de visores construídos e colocados por ti, naturalmente.

Uma folha de papel (que é conveniente não esquecer!), bem limpa e não amarrotada.

Um nível de bolha de ar, que pode ser montado em água, mas preferìvelmente em óleo. Tu mesmo sabes fazê-lo, segundo julgo?



Um tripé, que poderá mesmo ser o da tua máquina fotográfica, se tiveres alguma.

Uma prancheta ligeira para desenho de 40×30 cm. e que, por um «maquinismo» astucioso, que tu próprio descobrirás, poderá ser fixada ao tripé.

Enfim, uma borracha, um lápis muito bem aparado, *percevejos e alfinetes.*

Munido de tudo isto, que vais tu fazer? Eis o caminho a seguir, muito simples e fácil:

Orientas primeiro a tua folha ao NORTE, após teres fixado o desenho na tua prancheta, mantendo ao mesmo tempo esta horizontalmente, graças ao teu nível.

Marcas o ponto onde te encontras, espetando aí verticalmente um alfinete. Agora, apoiando a tua alidade contra este alfinete, visas o ponto que desejas situar e, ligeiramente, riscas um traço na direcção indicada.

Enfim, medindo a distância percorrida, voltas a este ponto e, reduzindo-o à escala, fazes a sua transferência na direcção indicada precedentemente.

Para fazer um bom croquis *é preciso uma boa escala, não sendo nem muito grande nem muito pequena. Antes de a escolher, observa numa carta a extensão aproximada que desejas descobrir. Será agora fácil escolher uma escala de maneira que o teu desenho não saia da tua folha.*

Não deves nunca carregar muito no lápis a fim de que possas apagar quando fizeres erros. Para obter precisão apara bem o teu lápis.

E agora, ao trabalho! Diz-nos se tens sido bem sucedido e dá-nos as tuas ideias, conta-nos as tuas experiências sobre a topografia.

«Bonne chance!»

F. BARADEZ

OS MAIS NOVOS TAMBÉM VÊM DEPOR

O guia Luís Filipe diz—mantenham o calção, caros escoteiros. Baden-Powell quando fundou o Escotismo começou a usar calção

Até agora a discussão acerca do uso do calção ou da calça tem sido mantida por antigos escoteiros ou pessoas interessadas no Movimento. Mas, afinal, a opinião mais interessante será a dos próprios rapazes. Por isso acolhemos com toda a simpatia o depoimento espontâneo do Guia Luís Filipe, que apesar de ser um rapaz bastante novo tem ideias definidas.

Lisboa, 28 de Agosto de 1961

Por intermédio do jornal escotista «Sempre Pronto» tomei conhecimento de que actualmente existe um problema que tem posto em alvoroço todos os Escoteiros de Portugal e que é o problema do calção e da calça e pedem a opinião do Leitor. Tenho a comunicar-lhe Sr. Ribeiro que aí vai a minha opinião e se me permitirem quero pedir-lhe o favor de a publicarem no jornal do mês de Outubro, porque não há jornal em Setembro.

Pode um simples Escoteiro, um guia de uma patrulha, dar a sua opinão a respeito do problema do calção? Se pode aí vai a minha opinião:

Eu quando entrei para o Grupo de Escoteiros n.º 94 tinha 6 anos de idade, quer dizer quando entrei para Lobito. Eu entrei porque via o meu vizinho, que nessa altura era Escoteiro, em calções, e achei que seria divertido eu andar também com aquele uniforme vestido, e entrei e cá estou ainda no mesmo Grupo, que já tive oportunidade de referir. E ainda lhes digo mais, se o uniforme fosse de calças eu não entrava. Mantenham o calção, caros Escoteiros. Baden-Powell quando fundou o Escotismo começou a usar calção, assim como os primeiros Escoteiros que existiram. E a tradição do calção sempre foi seguindo pelos anos fora, por assim dizer. Por isso vos digo mantenham o calção que é a única peça do uniforme escotista antigo.

Desculpem o desabafo e recebam cumprimentos deste vosso irmão Escoteiro,

a) Luís FILIPE

A opinião dos nossos leitores

Calção ou calça?

O problema não tem grande importância. Com calção ou com calça o que seria preciso era que um ou outro fardamento cobrisse escoteiros autênticos escoteiros. No entanto, trata-se de uma questão de aspecto e tem também o seu interesse, embora relativo. Os nossos leitores têm acompanhado o debate e, para além das cartas recebidas, alguns outros nos têm feito os seus comentários.

O nosso fardamento de calção curto adapta-se ao Escotismo de todas as idades — afirma o Sr. Francisco da Silva Maurício, Antigo Escoteiro de Faro.

«Muito se tem falado e escrito sobre o assunto; sou escoteiro, embora afastado do Movimento, e se me é permitido dou também a minha opinião.

«O nosso fardamento de calção curto adapta-se ao Escotismo de todas as idades: aos mais pequenos, porque a idade o permite; aos mais crescidos porque lhes dá liberdade de movimento e facilidade de acção, além de serem práticos, económicos e có-

(Concluem na página 6)

Se há quem se envergonhe da Farda de Escoteiro, que se vá embora - afirma o antigo escoteiro sr. Eugénio Pais Costa

Em carta datada de Queluz de 17 de Agosto passado, o nosso antigo e dedicado assinante Sr. Eugénio Pais Costa, antigo escoteiro do Grupo 2, apoia as palavras da Sr.ª D. Maria Júlia Gomes, mãe de um jovem escoteiro, e diz:

«A senhora tem toda a razão em não admitir escoteiros de calças até abaixo, pois se tanto se lutou para se manter essa característica do nosso uniforme, vai agora consentir-se semelhante disparate?

«No meu tempo de actividade, vai para 25 anos, era preciso ser «destemido» para passar em determinados locais, por exemplo em Alcântara aos sábados à noite, de calções e mochila. Nos tempos saudosos dos acampamentos da Tapada da Ajuda, quando passávamos a pé, por o dinheiro escassear para os eléctricos, ou rebocando o velho carro de lança, éramos mimoseados com «piropos» de vária ordem e sempre nos mantivemos aprumados e desprezando as opiniões que suscitava o nosso trajo, que

Além destas cartas recebemos ainda nesta Redacção uma longa carta com data de 16 de Agosto p. p. assinada pela Sr.ª D. Odete Maria Gomes P.P. de Almeida, que se insurge com as informações da carta de outra senhora publicada no último número. Com respeito ao calção, esta senhora, que se afirma esposa de um escoteiro, mãe de um escoteiro e duma futura escoteira diz: «Acho muito bem que os caminheiros usem calça comprida, não em todas as actividades, é claro, mas pelo menos em actividades de sede e em passeio que não implique qualquer actividade ou exercício». Porque a carta é longa e contém matéria que não é de sua competência nem interessa ao nosso inquérito, não podemos transcrevê-la na íntegra. De resto, têm sido quase sempre transcrições parciais as cartas que temos publicado, porque assim o exige a falta de espaço. Esta senhora, porém, só autoriza a publicação de sua carta integralmente e, assim, estamos dispensados de publicar qualquer resumo.

* * *

Continuaremos a acolher todos os depoimentos que se refiram ao problema do calção. Gostaríamos de ouvir a opinião dos Escoteiros e dos Caminheiros e daremos publicação a todos os depoimentos seja qual for o parecer expresso. Não inseriremos, no entanto, assuntos que estejam fora do caso que se discute.

Que estranhos desígnios?

Dissemos no último número que tinha sido escolhido para ocupar o cargo de Chefe Regional o Sr. Rui Lima Gomes dos Santos, «elemento que antes do ano de 1937 prestou bons serviços ao Movimento». Parece que alguns leitores não concordaram com esta afirmação, porém nós, por imperativo de justiça, não podíamos deixar de a fazer. De facto, o Sr. Rui Santos até aquela data prestou ao Escotismo esses bons serviços, embora naturalmente nem sempre a sua acção fosse de molde a merecer apoio de todos. Tivemos, no entanto, o cuidado de dizer «antes de 1937», porque, logo após essa data, tendo o Escotismo Português atravessado uma das suas mais graves crises, o Sr. Rui Santos abandonou o Movimento, depois de ter tentado convencer os Dirigentes de então a encerrar a associação. É certo que desde essa data o Sr Rui Santos continuou ocupado em organizações de juventude, mas nunca mais cooperou no Escotismo.

Recentemente, porém, a Região Centro entrou em fase de reorganização e os Escoteiros de Portugal ofereciam perspectivas de novo surto de progresso, tanto mais que se projectava a realização de um Curso de Insígnia de Madeira, que contava com a colaboração não só de dirigentes nacionais capacitados, mas também de técnicos brasileiros e outros, de reconhecida experiência.

Imprevistamente, porém, surge na Região Centro o Sr. Rui Santos trazido pela mão do Sr. Prof. Aníbal Gonçalves Ramos, que procurou afastar o Sr. Eng.º Nobre Santos e fazê-lo substituir na Chefia Regional por aquele antigo dirigente.

Todas as pessoas que conheciam o Sr. Rui Santos ficaram na expectativa e este mesmo declarou por diversas vezes que só daria início à sua actividade depois de devidamente empossado, fazendo crer que não aceitaria o cargo se essa posse lhe não fosse dada por dirigente altamente qualificado. Apesar destas declarações, o Sr. Rui Santos entra repentinamente em funções com apoio do Sr Prof. Ramos, sem que a sua nomeação tivesse sido feita em Boletim Oficial e sem lhe ter sido dada posse.

Por outro lado, o Sr. Prof. Ramos, que era demasiadamente cioso das prerrogativas de Presidente Regional, declina toda a autoridade no Sr. Rui Santos, que, não sendo chefe regional — situação que se mantém — assina ordens, faz determinações e estabelece normas, que não seriam da sua competência mesmo que tivesse sido nomeado.

Se tudo isto já parece muito estranho, muito mais extraordinário foi o que se seguiu. O Sr. Rui Santos estabelece separações dentro da Região, anula medidas que o próprio Presidente tinha tomado, e — o cúmulo! — dá parecer desfavorável acerca da realização do Curso da Insígnia de Madeira, dando a entender em publicação regional que ele não se devia realizar, assunto que estava fora da alçada da Região.

Cumpre aqui prestar homenagem à Direcção Central, que imediatamente se ocupou do assunto, deu reconhecimento ao Curso e apoiou o seu funcionamento, desautorizando tais devaneios. Lamentàvelmente, alguns chefes inscritos, convencidos de que o Curso se não realizava, saíram para férias e não compareceram, não havendo portanto número suficiente para funcionar em sistema de patrulhas, como era indispensável.

Continua a ser esta a situação do Escotismo em Portugal, o que parece justificar a pergunta: Que estranhos desígnios actuam no Movimento e o forçam a esta permanente mediocridade, fazendo gorar todos os planos para o seu desenvolvimento?

• • o • •

Este número foi visado pela Comissão de Censura

A TERTULIA DO CHEFE

Um programa para Caminheiros

O Escoteiro-Chefe que, como dissemos no número anterior, pedia o nosso parecer acerca do problema dos Caminheiros, formulava ainda a seguinte interrogação:

— *Quais seriam os programas de mais interesse para os Caminheiros?*

Esta pergunta exigiria uma resposta abrangendo tão vasto assunto, que se tornaria incompatível com um breve artigo de jornal. Um programa de actividades para Caminheiros deve, em princípio, satisfazer os dois objectivos da Divisão: «Servir» e lançar na vida o Caminheiro. Todo o Escotismo é essencialmente preparação e treino para a vida. Mas o Caminheiro está já no caminho e, portanto, a sua actividade visa a orientá-lo e a contribuir para que sejam vencidas as dificuldades e os perigos. O sugestivo desenho e legenda de B. P. «O Caminheiro conduz a sua própria barca», no qual se vê ele timonando o pequeno barco, de frente para os escolhos, e vencendo-os, elucida bem esta finalidade do Movimento.

Em obediência ao lema «Servir», o Caminheiro começa exactamente por ser útil no Grupo, melhor na Tribo, constituindo-se no mais íntimo colaborador do Escoteiro-Chefe, ao serviço do rapaz, do Escoteiro. Depois, alarga a sua visão e onde for necessário um braço forte para amparar os débeis, para auxiliar os aflitos, para facilitar a vida do próximo, aí está o Caminheiro.

Como preparação para a vida, o Caminheiro tem ao seu alcance inúmeras actividades: Estudo dos problemas nacionais; observação das populações, estudo das condições de vida das mesmas; problemas sociais, políticos e religiosos, higiene pública, etc. Pode ainda cooperar na educação dos meios rurais, auxiliando na difusão dos conhecimentos dos mais modernos e eficientes métodos do tratamento das espécies agrícolas, do gado, da criação, das próprias instalações.

Conhecimento dos problemas da indústria, do comércio, da agricultura.

Isto exige estudo, que deve ser feito por equipas, constituídas pela selecção de interesses. Que vasto campo de actividade se pode obter estabelecendo um programa com estes quesitos? Naturalmente cada equipa ocupar-se-á de uma matéria e só se dedicará a outra quando o assunto lhe parecer esgotado. Nessa altura a constituição da equipa poderá ser alterada, para agrupar novamente aqueles que estejam interessados no novo problema.

O campo de actividade física é também vastíssimo. Os vários desportos estão indicadíssimos para os Caminheiros, particularmente aqueles que estão isentos da paixão popular, que nos parece de evitar. Podemos citar, por exemplo, a natação, o atletismo, o basquetebol, o voleibol, etc.

O campismo, o montanhismo, a espeleologia são modalidades interessantes, capazes de conquistar o entusiasmo dos jovens.

Para dirigir, auxiliar e colaborar em tão ampla e importante actividade é indispensável a cooperação de especialistas: médicos, artistas, professores e outros elementos que poderíamos encontrar entre os antigos escoteiros sempre prontos a prestar a sua ajuda ao Movimento.

Aqui ficam a traços largos várias ideias e sugestões, que podem fornecer elementos preciosos para um programa de Caminheiros, não apenas na Região Centro, mas em qualquer outro ponto do país.

A opinião dos nossos leitores

(Conclusões da página 5)

Afirmações do Sr. Francisco da Silva Maurício

modos: aos mais velhos porque parece trazer-lhes vida e juventude.

«O Fundador do nosso Movimento parece que não errou ao pôr em prática o calção curto.

«Recordo-me de que quando Guia de Patrulha tinha um ou dois rapazes que se inclinavam para a calça comprida. A título excepcional foi permitido que tomassem parte em algumas actividades de calça, mas esses escoteiros da «élite», como lhe chamavam os próprios companheiros de patrulha, tornaram-se menos alegres e menos activos do que quando usavam calção.

«Se observarmos as diferentes opiniões veremos que todos têm razão, mas é no inverno que o calção se torna um pouco incómodo devido ao frio. Mas, ainda me lembro com saudade daquela canção que alegremente entoávamos:

«Esta vida de Escoteiro
Não tem nada que saber,
É andar de vara na mão
E as pernas a tremer»

«Rapazes, não deixemos acabar com o calção curto!»

a) FRANCISCO DA SILVA MAURÍCIO

Afirmações do Sr. Eugénio Pais Costa

determinados (e incivilizados) sujeitos achavam ridículo.

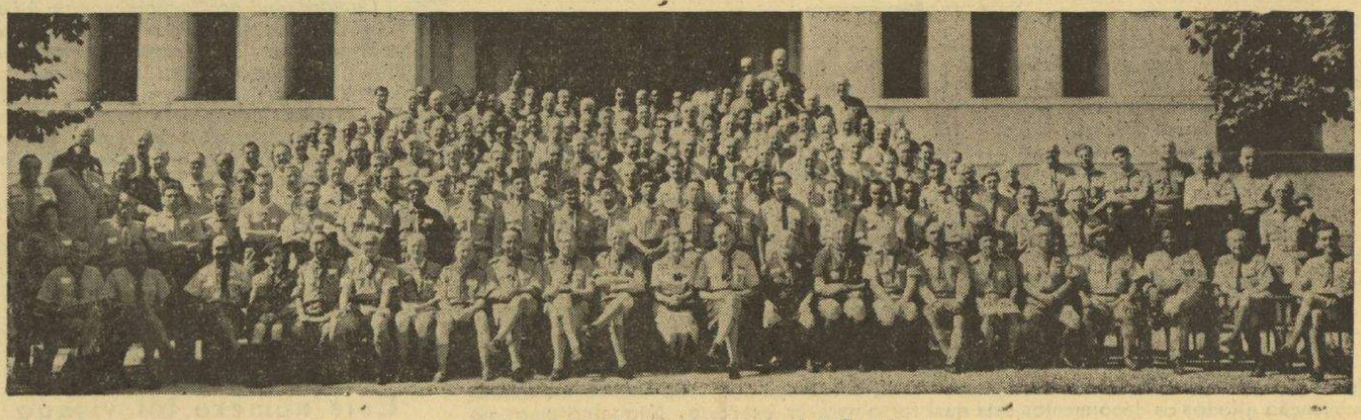
«Agora que vimos passar, aos fins de semana, velhos senhores de calção e carregando descomunais mochilas, acompanhados de suas mulheres (também bem carregadinhas) de vestidos estampados contrastando com bornais enfeitados de bandeirinhas; lanternas e folclóricos «panamás», crianças pela mão, seguirem imperturbáveis pelas ruas da cidade «reclamando» o grupo de campistas a que se orgulham de pertencer, é que os escoteiros se vão recatar numas calças ridículas?...

«Parece-me haver neste «levantar de poeira» a influência de alguns indivíduos que agora—parece-me—proliferam no Movimento, quando deveriam estar longe dele.

«Se há quem se envergonhe de se fardar de escoteiro que se vá embora; o escotismo nunca precisou — nem precisa — de inovações, quer sejam de calças compridas ou outras.

(...) um abraço do amigo S. P.

a) *Eugénio Costa*
Antigo Escoteiro do 2



Delegados à 18.ª Conferência Internacional de Escotismo

A Sessão Solene de Inauguração da XVIII Conferência Internacional de Escotismo revestiu-se de muito brilho

Conforme estava anunciado, de 10 a 25 de Setembro passado, reuniu em Lisboa a 18.ª Conferência Internacional do Escotismo, que trouxe ao nosso país representantes de 57 países, num total superior a 200 pessoas, e ainda observadores da Fraternal Internacional de Antigos Escoteiros e Guias, Repartição Internacional das Guias, Exército de Salvação, Associação Cristã da Mocidade e ainda os membros do Conselho Internacional de Escotismo e funcionários da Repartição Internacional de Escotismo. Este acontecimento proporcionou ensejo aos dirigentes das associações nacionais de Escotismo de receber em Portugal entidades escoteiras que há muito se interessam pelo Escotismo Português.

Na tarde do dia 20, no salão nobre do Palácio Foz, realizou-se a sessão solene de inauguração da Conferência, a que presidiu o Chefe do Estado e se revestiu de maior brilho. O salão estava repleto de Delegados e de Dirigentes, vendo-se muitas senhoras, algumas delas esposas dos nossos visitantes. O Sr. Presidente da República dava a sua direita aos Srs. Subsecretário de Estado da Educação Nacional e ao Dr. Paul Koening, presidente do Conselho Internacional de Escotismo; e a esquerda aos Srs. Secretário Nacional de Informação, e general Daniel Spry, presidente da Repartição Internacional. Em lugares especiais, à direita, o Sr. Bispo de Febiana; e à esquerda, os Srs. Almirante Henrique Tenreiro, Comodoro Duarte Silva, e Dr. José Francisco dos Santos, respectivamente presidente e escoteiro-chefe-geral da Associação dos Escoteiros de Portugal, e chefe nacional adjunto do Corpo Nacional de Escutas. Na primeira fila de cadeiras viam-se os Srs. Embaixadores do Brasil, Espanha, Estados Unidos, Itália, Holanda e Grã-Bretanha, vice-presidente da Câmara Municipal de Lisboa, comissário nacional da M. P., e Dr. Francisco Cortês Pinto, Presidente de Honra da Associação Industrial Portuguesa e do Tribunal de Honra dos Escoteiros de Portugal.

Baden-Powell é, com efeito, um caso paradigmítico de excelente servidor da pátria – disse o subsecretário da Educação Nacional.

A sessão foi aberta pelo Sr. Dr. Carlos Soveral, em nome do Chefe do Estado, que ao dar as boas-vindas aos delegados manifestou a sua satisfação por os receber em Portugal, «hóspedes desta terra de Santa Maria, que é rosto da Europa», felicitando-se «pelo facto de que, muito embora as circunstâncias da presente conjuntura nacional e internacional não sejam idênticas às daquela outra em que se estabeleceu a realização da XVIII Conferência em Lisboa, nem por isso deixa esta de ter seu lugar entre nós, que, com toda a estima que o Escotismo nos merece, quisemos e pudemos manter compromissos que nos são, assim, profundamente gratos».

O orador prestou depois homenagem aos objectivos educativos do Escotismo e pôs em relevo a admiração de todos os bons Portugueses pela extraordinária figura do Fundador, afirmando que ele foi «quem primeiro em si próprio admiràvelmente perfilhou aqueles tópicos espirituais e vitais, que depois se deu como missão comunicar à juventude. A sua trajectória de soldado e exemplaríssimo filho da Pátria em que nasceu constitui hoje, de facto, um modelo de nacionalismo que se impõe inculcar nas novas gerações». E, mais adiante, «Baden-Powell é, com efeito, um caso paradigmítico de excelente servidor da pátria, que por isso deverá ser amplamente meditado e analògicamente reproduzido nos diversos quadrantes nacionais», declarando-se convicto «de que os portugueses quererão e saberão desvelar-se no serviço do seu país, com a generosidade, o amor, a inteligência, a alegria, a disciplina e a heroicidade com que o fundador do Escotismo quis e soube, jovem perene, servir indefectivamente o seu».

O Sr. Dr. Carlos Soveral terminou depois de ter feito votos pelos bons resultados da conferência.

Não sei de sistema educativo tão completo e perfeito como o escotismo para transmitir e arreigar na alma da Juventude uma formação moral alicerçada na honestidade e na lealdade — declarou o escoteiro-chefe-geral dos Escoteiros de Portugal

Seguiu-se no uso da palavra o Sr. Comodoro Daniel Duarte Silva, que discursando em francês, lembrou a figura de Baden-Powell e se referiu à tragédia da época em que vivemos na qual se assiste a uma corrida para novas descobertas e novos inventos» muitos dos quais nos deixam perplexos ante as trágicas consequências que deles podem advir à humanidade — é no entanto consolador verificar que o espírito de um homem de génio pôde conceber um sistema educativo que, volvidos tantos anos, continua sendo mundialmente reconhecido como o mais próprio para a formação do carácter e para fazer dos rapazes de hoje os homens de amanhã — homens sempre prontos a servir o seu ideal religioso, a sua pátria e a ajudar o seu semelhante». Prosseguindo, disse que a necessidade sempre crescente de homens de boa-vontade e de carácter nobre justificava a permanente actualidade do movimento a que todos se orgulham de pertencer e a razão da sua grande missão no Mundo.

O nosso Escoteiro-Chefe-Geral prestou homenagem ao Sr. Comandante Melo Machado, seu camarada, que em 1911 em Macau fundou em terras de Portugal o primeiro grupo de escoteiros português, e agradeceu a honra da presença do Chefe do Estado. Afirmou ainda que lhe parecia de bom augúrio para o País, e, especialmente para a sua mocidade, o facto de serem homens habituados às lides do mar, em épocas distanciadas por um período de meio século, os designados para tarefas que, se bem que tão diferentes, apresentam, todavia — e guardadas as devi las proporções — certos pontos de contacto.

Não sabendo de sistema educativo tão completo e perfeito como o Escotismo para transmitir arreigar na alma da juventude uma formação moral alicerçada na verdade, na honestidade e na lealdade, assegurava ao Sr. Presidente da República que, fiéis ao pensamento do Fundador do Movimento, tudo fariam para que, neste mundo em crise, as futuras gerações saibam servir, na mais pura acepção desta palavra, sempre de olhos fitos na Pátria e no amor a Deus e dos Homens Seus Irmãos.

O Chefe Nacional Adjunto do C.N.E afirmou que os grandes portugueses foram os escutas da Nação, isto é, pioneiros, e se notabilizaram pelas virtudes que constituem o ideal escoteiro.

O Sr. Dr. José Francisco dos Santos falou em inglês e saudou o Presidente da República em nome da sua associação, tendo aproveitado para declarar que ela tem hoje 6000 filiados e se estende — disse — a todo o Portugal Continental e às duas maiores províncias ultramarinas.

Referiu-se ao Infante D. Henrique, grande escuta (explorador) que levou a sua acção até à costa ocidental de África e também cavaleiro perfeito, que praticava a sério os ideais de cavalaria, que o mesmo é dizer escotistas, e podia servir de exemplo à mocidade.-Terminou fazendo votos por que a Conferência continuasse a seguir as pegadas do Fundador do Escotismo.

O Ideal do Escotismo dá-nos a maneira como podemos viver neste mundo — disse o presidente do Conselho Internacional do Escotismo.

Falou, por último, o Sr. Dr. Paul Koening, que recordou a sua primeira visita a Portugal, que lhe deixara gratas recordações da tradicional hospitalidade portuguesa, a mesma que agora se verificava para com os delegados à Conferência e que desejava agradecer. Referiu-se aos êxitos notáveis do Movimento em Portugal, salientando o valor das publicações de literatura escotista, acrescentando: «Os escoteiros portugueses, sob a divisa «Sempre Pronto», têm sabido honrar e prestigiar o movimento. O Conselho Mundial estava muito reconhecido pela modelar organização da 18.ª Conferência.

Citando a hora de confusão em que o mundo presentemente vive, onde as verdades são deturpadas para satisfazer meras ambições de momento, afirmou: «É por isso que os escoteiros procuram o caminho de ida e volta que é a base das relações humanas. Todos nós sentimos que temos de realizar os maiores esforços para que a fraternidade volte a ser o símbolo das relações humanas».

Informou que o Conselho Mundial compreendia 71 países membros, acentuando que no entanto não eram os números que importavam, mas sim o espírito do Movimento. «O ideal do Escotismo dá-nos a resposta à maneira como podemos viver neste mundo: o espírito da juventude e da paz». Concluiu afirmando a certeza de que a 18.ª Conferência será mais um passo largo para o progresso do Escotismo em todo o Mundo.

A recepção no Palácio das Necessidades.

Os Ministros da Educação Nacional e dos Negócios Estrangeiros ofereceram, após a sessão inaugural, uma recepção no Palácio das Necessidades, em honra dos Delegados à Conferência. O Sr. Dr. Franco Nogueira, ministro dos Negócios Estrangeiros, recebeu e cumprimentou os diversos delegados, que lhe foram apresentados pelo General Daniel Spry, director da Repartição Internacional do Escotismo, dirigindo-lhes

(Conclui na página 10)

RESOLUÇÕES

Da 18.ª Conferência Internacional de Escotismo

Para que os nossos estimados leitores possam ter uma ideia geral dos assuntos e problemas tratados na Conferência Internacional, damos um resumo das «Resoluções» havidas, especificando aquelas que maior interesse possam ter para o Movimento e suprimindo as de ordem regulamentar e de rotina.

NOVOS MEMBROS

A Conferência apresenta boas-vindas e confirma o reconhecimento e registo das seguintes associações admitidas depois da última reunião:

Laos, Ghana, Madagáscar, Nigéria, Chipre e Marrocos, bem como do escritório do Comunidade Europeia do Carvão e do Aço.

ADESTRAMENTO

A Conferência apresenta boas-vindas ao Conselho Consultivo Internacional de Treino, recentemente inaugurado, sob a presidência do Sr. W.D. Campbell, congratulando-se pelo progresso que tem sido feito na unificação e extensão dos métodos de chefia através do Mundo.

A Conferência calorosamente apoia a recomendação da 3.ª Conferência Internacional de Treino para que:

a) Seja aceite a definição e requerimentos estabelecidos para o «Adestramento da Insígnia de Madeira — num esquema internacional».

b) Aquelas Associações que não têm ainda nomeado Comissário Nacional de Treino sejam encorajadas a fazê-lo com brevidade.

c) Seja aceite o processo estabelecido para a «Admistração do Adestramento Internacional».

d) Onde for apropriado será dado encorajamento para o adestramento de profissionais.

A Conferência congratula-se com a proposta de publicação do «Manual do Comissário Nacional,» o intercâmbio de ideias e experiências, e, em particular, a realização de Conferências Regionais e Internacionais de Adestramento.

ESPANHA

A Conferência nota com prazer a presença na sua reunião de representantes de Espanha e vê com prazer o dia em que outra vez florescerá o Movimento Escoteiro no país, pronto a participar plenamente nos acontecimentos do Mundo Escoteiro.

DEVERES PARA COM DEUS — —RELIGIÃO

A Conferência reconhece que Deveres para com Deus-Religião é básica na filosofia e objectivos do Movimento Escoteiro.

Para as Associações Escoteiras que assim o desejem, a Promessa pode ser formulada de forma a permitir que os seus membros incluam a crença num Deus Pessoal e também o reconhecimento de uma Realidade espiritual.

Qualquer semelhante formulação deve estar de acordo com a original Promessa Escoteira, que reconhece a suprema espiritual Presença ou Poder no Universo.

A Conferência reconhece como responsabilidade do Escotismo a necessidade de abranger tantos rapazes quantos possíveis na área de sua influência, para conduzi-los a uma vida espiritual e assegurar que a Fé religiosa a que o Escoteiro pertence seja completamente salvaguardada.

NAÇÕES UNIDAS

A Conferência tomou conhecimento com grande choque e profundo pesar do súbito falecimento do Sr. Dag Hammerskjoeld, Secretário-Geral das Nações Unidas. Ele cumpriu os seus deveres com excepcional habilidade e a sua perda será sentida por todos os membros do mundo livre. A Conferência enviou mensagens de sincera simpatia a sua família e ao Secretariado das Nações Unidas.

PROMESSA E LEI

A Conferência deseja sublinhar uma vez mais a vital necessidade de transmitir ao rapaz, de harmonia com o seu nível de compreensão e faculdades, o verdadeiro significado da Promessa e da Lei, tanto como a sua responsabilidade em face delas.

PUBLICIDADE

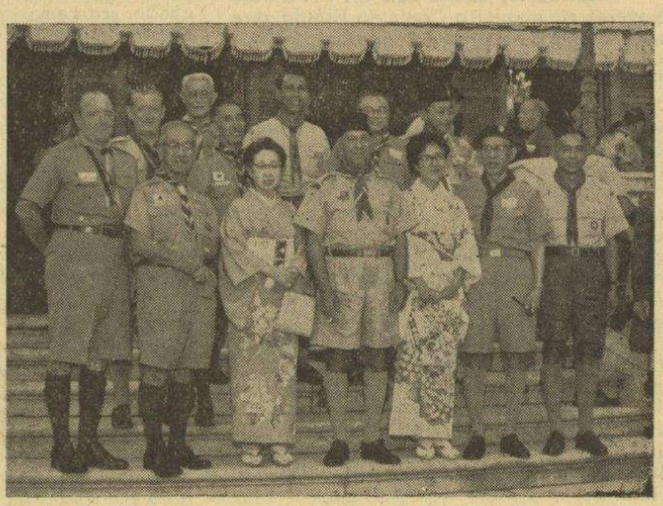
A Conferência reconhece a nessidade de fazer os Princípios do Escotismo mais largamente conhecidos dos Governos e do Público em geral e a necessidade dos próprios Escoteiros viverem esses princípios, sublinhando a importância da cuidadosa selecção e adestramento de Chefes, que pelo seu exemplo pessoal eduquem os jovens Escoteiros e influenciem a Sociedade.

* * *

A Conferência aprovou ainda emendas à Constituição e outros assuntos de orientação do Movimento.



Um grupo de estudos na Conferência Internacional. Vêem-se dois delegados de Portugal: Srs. Pena Ribeiro e Eng.º Nobre Santos.

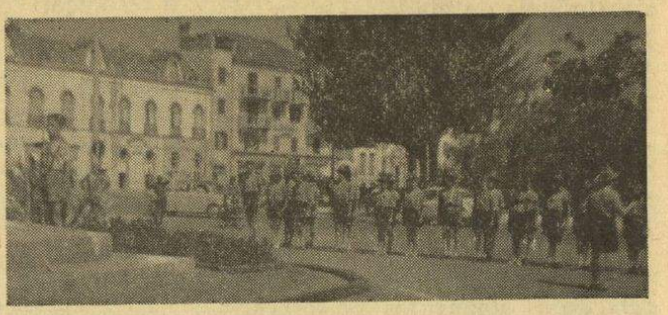


Delegados do Japão, Filipinas e Americanos

A romagem patriótica à Batalha dos escoteiros evangélicos



Em Leiria, os Escoteiros de Portugal dirigem-se ao Monumento aos Mortos da Guerra.



Em Leiria, um Lobito coloca um ramo de flores no Monumento aos Mortos da Guerra.

Escoteiros evangélicos dos Grupos de Lisboa efectuaram a sua romagem patriótica aos Campos de Aljubarrota nos dias 26 e 27 de Agosto último.

Na tarde do primeiro destes dias, sábado, os escoteiros dos Grupos n.os 8, 10, 14 e 94 partiram de Lisboa em autocarros, rumo a Leiria, a graciosa capital do Lis.

A alegria da rapaziada era esfusiante, como seria de calcular, já que, para muitos, era a primeira vez que era dado empreender aquela digressão.

Os chefes Idílio Gonçalves, José Relvas Pereira e Armando Inácio vigiavam por que tudo decorresse o melhor possível.

Ao anoitecer, os escoteiros chegaram a Leiria e dirigiram-se para a Igreja Baptista local, onde, nas diversas dependências, seriam aboletados. Depois de tomada a refeição da noite, eram 21 horas e 30 minutos aproximadamente, os escoteiros reuniram-se no salão social da Igreja, onde realizaram um simulacro de fogo de conselho.

A assistência era bastante numerosa e, com os escoteiros em redor de uma fogueira simulada, a presidente da União da Juventude daquela congregação deu início à agradável reunião, recitando o 1.º versículo do capítulo 12.º do livro Eclesiastes! «Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade». A mesma senhora apresentou seguidamente os escoteiros e o chefe Pena Ribeiro dirigiu uma saudação à assistência em nome, dos grupos evangélicos. Logo a seguir, o E. C. Armando Inácio tomou a direcção do programa do fogo do conselho.

O espectáculo despertou grande entusiasmo entre a assistência, que colaborou activamente no programa, acompanhando os escoteiros nalgumas canções.

No outro dia, depois do primeiro almoço, os escoteiros tomaram parte no serviço religioso na Igreja, em que o orador, o obreiro superintendente da congregação, sr. George Filipe Cabral, fez uma vibrante parénese, em que baseando-se no tema do 1.º artigo do compromisso de honra escotista, «Amar a Deus e a Pátria e servir-Los fielmente», se referiu aos deveres tanto do escoteiro, como do crente, de procurar em tudo glorificar o nome do Criador e honrar a terra onde nasceu.

Findo o serviço religioso, os escoteiros formaram em frente da igreja e desfilaram até o Monumento aos Mortos da Grande Guerra e, alinhando em volta, perante numeroso público, colocaram um ramo de flores no pedestal do monumento.

Acabada esta cerimónia, simples mas significativa, os escoteiros almoçaram num restaurante da cidade.

Antes de abandonarem Leiria, os escoteiros visitaram alguns dos monumentos da cidade e outras atracções turísticas. A meio da tarde, dirigiram-se à Batalha, onde visitaram o Mosteiro. O Chefe Idílio Gonçalves fez algumas referências sobre a história e o valor arquitectónico do importante monumento, tendo-se referido à Ínclita geração e, particularmente, ao Infante D. Henrique. Também citou o grande exemplo de trabalho e saber de Mestre Afonso Domingues.

Depois, sob a chefia do E. C. Pena Ribeiro, os escoteiros dirigiram-se à Sala do Capítulo em que prestaram comovente homenagem ao Soldado Desconhecido, que aí repousa.

Estava a findar a romagem dos escoteiros a esse lugar tão sagrado do solo português. Depois de uma curta paragem em Alcobaça, para uma visita ao histórico convento, acerca do qual prestou explicações o Escoteiro-chefe Armando Inácio, os escoteiros empreenderam o regresso a Lisboa, onde chegaram ao principiar da noite.



Escoteiro Joaquim Ferraz Aguiar

Nas margens do rio Lué, em Angola, morreu em combate, em serviço da Pátria, no dia 31 de Agosto passado, o Escoteiro Joaquim Ferraz Aguiar, membro do 2.º Grupo de Escoteiros de Portugal.

Aquela unidade mandou celebrar missa por intenção do nosso companheiro em 17 de Setembro passado, na igreja paroquial da Ajuda. Foi celebrante o Rev. Dr. Rafael Vicente, sacerdote de cor, que proferiu uma tocante homília de exaltação daqueles que oferecem a sua vida em defesa da humanidade e da Pátria, exaltando o exemplo do sacrifício do nosso irmão-escoteiro.

No acto, fez-se representar o Sr. Subsecretário de Estado da Educação Nacional, pelo seu secretário Sr. Dr. Álvaro Mesquitela, bem como grupos de escoteiros de Lisboa.

«Sempre Pronto» presta sentida homenagem ao Escoteiro Joaquim Ferraz Aguiar e apresenta condolências aos membros do seu Grupo e a sua desolada família.

Formação e treino de chefes

Dentro das linhas gerais do programa da introdução do Esquema da «Insígnia de Madeira» para formação e treino de Chefes na A.E.P, de 7 a 13 de Setembro passado funcionou no Campo Permanente da Caparica um Curso para Chefes de Tribo.

Tinha-se previsto que o Curso seria o 1.º da II Parte da «I.M.» para esse escalão de Chefes, porém, em virtude de factos de última hora e impossibilidades verificadas em relação a alguns dos 22 inscritos, tal não foi possível visto que as comparências permanentes durante todo o período que o curso duraria, não terem sido suficientes para cumprir as normas de funcionamento em perfeito «Sistema de Patrulhas.»



Eng.º Nobre Santos
D.C.C. da Insígnia de Madeira

Contudo, aproveitando-se a preparação efectuada e a presença dos Chefes que compareceram, foi levado a efeito a realização dum treino preliminar.

Os Chefes que tomaram parte nesse treino chegaram ao final verdadeiramente entusiasmados com as novas perspectivas dum Escotismo mais activo e atraente, que lhes foi mostrado pelos Delegados do Chefe do Campo Escola de Gilwell (D.C.C.) do Brasil e de Portugal (A. E.P.), respectivamente Srs. Dr. João Ribeiro dos Santos e Eng.º José M. Nobre Santos, e pelo chefe I.M. José Eduardo Ribeiro.

Na realidade, durante os dias que durou esse campo de treino, alguns dos Chefes puderam verificar como o Escotismo, que por vezes se pratica, é estático e sem interesse para o rapaz, pois que, quase se tem desprezado a característica de Movimento, para se trabalhar como duma Organização se tratasse.

Em algumas palestras e demonstrações feitas, foi posto em foco a posição e actuação do Chefe e dos Guias na aplicação dum Sistema de Patrulhas em acção. Os vários trabalhos, jogos e problemas postos à resolução dos Chefes presentes, mostraram como se pode fazer Escotismo que interesse o rapaz, arrastando-o na aventura do desconhecido e do desenvolvimento das suas qualidades e capacidades inatas. Foi pena que não tivesse sido levado a efeito a realização do 1.º Curso da «I.M.», mas julga-se que o esforço foi proveitoso, pelas razões seseguintes:

1 — Fez-se o arranque que era necessário, em relação à parte dos Cursos a realizar no campo;

2 — Rasgaram-se os horizontes dos métodos escotistas a alguns chefes que, assim, passaram a ver um pouco melhor o que falta ao nosso Escotismo;

3 — Aproveitou-se a estadia entre nós do D.C.C. do Brasil, que com os seus vastos conhecimentos nos ajudou.

4 — Criaram-se as condições bases, que, esperamos, sirvam para o desenvolvimento do futuro da formação de Chefes segundo o Esquema da «IM.» em colaboração mais estreita com o C.N.E e com os organismos escotistas da América Latina (com os quais mais fàcilmente poderemos colaborar em virtude da facilidade de línguas) o que permitirá a extensão dos Cursos da I.M. aos interessados no Escotismo existententes no país vizinho — a Espanha — o que é de grande importância, não só pelas possibilidades que nos dará, como pela ajuda que podemos prestar neste campo, aos nossos irmãos espanhóis.

Com os desejos de que este aspecto da formação de Chefes seja convenientemente acarinhado por todos, expressam-se os agradecimentos ao Sr. Dr. João Ribeiro dos Santos e à U.E.B. pela valiosa colaboração, que se espera continui frutuosa.

José M. Nobre Santos
D.C.C. Portugal — AEP

ESCOTEIROS DE PORTUGAL
EM SERVIÇO MILITAR NO
ULTRAMAR PORTUGUÊS

FERNANDO JORGE DE AZEVEDO GOMES
Grupo n.º 8 de Lisboa — em Angola

FERNANDO SÉRGIO LARANJEIRA
Grupo n.º 93 de Sintra — na Guiné

Sabemos que outros Escoteiros se encontram em serviço militar nas províncias ultramarinas. Pedimos a todos os chefes para nos darem a conhecer os seus nomes e colocações.

A Sessão Solene de Inauguração da XVIII Conferência Internacional revestiu-se de muito brilho

(Conclusão da página 7)

palavras de simpatia. Estavam também presentes os Srs. Almirante Henrique Tenreiro e Comodoro Daniel Duarte Silva, presidente e escoteiro-chefe-geral dos Escoteiros de Portugal; Dr. José Francisco dos Santos e D. José Paulo de Lencastre, chefes nacionais adjuntos do C. N. E., Vítor de Lima e Santos e Manuel Lopes Peixoto, comissários internacionais do Escotismo Português, os nossos delegados à conferência Eng.º José Maria Nobre Santos, José Eduardo Pena Ribeiro, (A.E.P.) e Rev. Padre João Ferreira (C.N.E.), bem como o Comissário Nacional da Mocidade Portuguesa e outros dirigentes escoteiros portugueses.

Após a recepção, foi oferecido um fino lanche a todos os presentes, que durante duas horas viveram momentos de agradável confraternização.

À saída, o General Daniel Spry visitou a sede do Grupo n.º 79 dos Escoteiros de Portugal, que se encontra instalada em edifício anexo àquele Palácio, sede que se encontra em obras de remodelação. O General Spry manifestou a sua satisfação por aquela visita ao Presidente do Grupo, o antigo escoteiro Sr. António Xavier de Brito, e disse que o ambiente da sede e até o próprio cheiro às tintas lhe faziam recordar os seus tempos de escoteiro.



Os Delegados à III Conferência Internacional de Treino

OS NOSSOS VISITANTES

A Conferência Internacional proporcionou-nos a feliz oportunidade de receber em Portugal as mais prestigiosas figuras do Escotismo Mundial. Tantas foram elas que se torna difícil, senão impossível, fazer pessoal referência a todos os nossos visitantes. Há, porém, entre eles alguns que, por serem já do conhecimento dos nossos leitores através da citação nestas colunas e nossos particulares amigos, não podemos deixar de referir aqui.

DR. JOÃO RIBEIRO DOS SANTOS

O Sr. Dr. Ribeiro dos Santos, distinto médico do Rio de Janeiro, foi o delegado da União dos Escoteiros do Brasil. É um dos mais notáveis dirigentes do Escotismo no país irmão, Comissário Nacional de Adestramento, Deputado Chefe de Campo, «Aquela-Líder» e tem dirigido, dentro e fora do Brasil, diversos cursos de Insígnia de Madeira.

O nosso ilustre visitante é um bom amigo de Portugal e dos Escoteiros de Portugal. As suas relações mais íntimas com o nosso Movimento datam de 1954, por ocasião da nossa representação ao Acampamento Internacional de Patrulhas de São Paulo. Era um dedicado companheiro do nosso saudoso amigo David M. de Barros, tendo como ele o maior interesse pelas relações fraternas entre os escoteiros das duas Pátrias.

O Dr. Ribeiro dos Santos tinha feito oferta da sua colaboração para se realizar em Portugal um Curso da Insígnia de Madeira. No Curso Preliminar, que se realizou agora no Campo Permanente, diversos Chefes, presentes afirmam a sua muita admiração pelo seu alto espírito e muita competência.

Durante o tempo que esteve em Lisboa, o Dr. Ribeiro dos Santos manteve entrevistas com diversos dirigentes, tomando conhecimento dos nossos problemas e dando preciosos pareceres acerca das medidas que deviam ser tomadas, tendo deixado em todos as melhores amizades e recordações.

ENRIQUE GENOVÉS GUILLEM, VICTOR JOSÉ JIMÉNEZ MALO DE MOLINA, E JOSE FORASTÉ OLIVER

Estes nossos amigos foram observadores pela vizinha Espanha. São membros do antigo Clã Lobo Cris, a que nos temos referido aqui frequentemente. A sua fidelidade ao Movimento, apesar de todas as contrariedades e sem deixar de cumprir a lei de sua Pátria, merece a nossa maior admiração. Já nos visitaram em 1954 por ocasião do 10.º aniversário do «Sempre Pronto» e são amigos que se têm relacionado intimamente com o Escotismo Português.

Enrique Genovés, particularmente, é um dedicado colaborador deste jornal e os seus artigos de técnica e doutrina têm sido muito apreciados pelo nossos leitores. Ultimamente, em virtude dos muitos trabalhos a seu cargo, a sua colaboração tem sido mais rara, o que de maneira nenhuma significa menos interesse pelo «Sempre Pronto», que o conta ainda como seu Delegado em Espanha.

Genovés é ainda possuidor da Medalha de Prata de Dedicação e Bons Serviços, com que foi agraciado pela nossa Associação.

ENG.º SALVADOR FERNANDEZ

É Comissário Viajante da Repartição Internacional de Escotismo para a América Latina e tem desenvolvido uma notável e perseverante actividade para a valorização e adestramento do Escotismo naquele continente, sendo ainda o principal responsável da Revista Scout de las Américas, de que temos feito aqui diversas transcrições. O Conselho Interamericano de Escotismo tem nele um dos seus mais activos orientadores.

O Eng.º Salvador Fernandez tem sempre manifestado o maior interesse pelo Escotismo em Portugal, estando também muito ligado aos problemas do Escotismo em Espanha.

ERIC GRAHAM

É Comissário Internacional dos Escoteiros Unionistas de França e um activo colaborador do Escotismo Francês. É muito notável a sua acção nos E.U.F. -Tem manifestado o maior interesse pelos Escoteiros de Portugal e sugerido uma mais íntima colaboração entre os membros das duas associações.

DR. KOURkENE MEDZADOURIAN

É médico e Escoteiro-Chefe-Geral dos Escoteiros da Arménia, com sede em Paris. Visitou-nos em 1950 por ocasião da Reunião de Comissários Internacionais em companhia de sua esposa, tendo conquistado aqui muita simpatia. Mantém ainda relações de muita amizade com o nosso Presidente daquela data, o Eng.º Jorge Pereira Jardim.

JOHN THURMAN

Da brilhante delegação britânica fazia parte John Thurman, Chefe do Campo Escola de Gilwell Park, cuja notável acção a favor do Adestramento de Chefes Escoteiros tem sido notabilíssima. É também um dedicado amigo do Escotismo Português.

GENERAL DANIEL SPRY

O Director da Repartição Internacional de Escotismo é suficientemente conhecido dos nossos leitores e a sua biografia já foi feita nestas colunas. Ele pertence ao movimento desde lobito e deixou uma brilhante carreira militar para se dedicar inteiramente ao Escotismo.

Tem o maior interesse pelo Escotismo Português, uma vez mais demonstrado com a presente visita. A Conferência que deu à Imprensa no Hotel Ritz, à qual compareceram representantes dos nossos principais jornais, foi orientada no sentido de tornar conhecido o Movimento do público português.

Está firmemente empenhado no desenvolvimento do Escotismo no Mundo e foi autor de uma campanha que se está processando no sentido de alargar o movimento a todos os países, cada vez em maior número, sendo já compensadores os resultados obtidos.



Assistência à sessão solene de inauguração

O jantar de encerramento da 18.ª Conferência Internacional de Escotismo

Oferecido pelo Sr. Presidente dos Escoteiros de Portugal, realizou-se na tarde de Domingo, dia 25, no Pavilhão de Desportos Náuticos, o jantar de encerramento da Conferência. Presidiu o Almirante Henrique Tenreiro, ladeado pelos Srs. General Spry, Dr. José Francisco dos Santos, comissário nacional adjunto do C.N.E; Comodoro Daniel Duarte Silva, escoteiro-chefe-geral; Jean Salvaj, Victor de Lima e Santos e Manuel Lopes Peixoto, comissários internacionais do Escotismo Português; e outros. Encontravam-se presentes os Delegados dos diferentes países e alguns dirigentes escoteiros nacionais.

O repasto decorreu num ambiente de franca alegria e sã confraternização, oferecendo um aspecto magnífico a vasta sala repleta de comissários escoteiros de diferentes raças e nacionalidades, ouvindo-se falar as mais diferentes línguas. O lago, pleno de água, deixava reflectir o majestoso monumente ao Infante D. Henrique, que, iluminado, proporcionava um cenário magnífico e sugestivo.

Aos brindes, o Sr. Almirante Henrique Tenreiro exoressou a sua satisfação e do Escotismo Português em acolher tão distintos representantes do Escotismo, Mundial e disse que, esperava, todos levassem de Portugal as melhores recordações.

Em nome do Conselho Internacional de Escotismo, o Comissário Suíço Jean Salvaj, apresentou agradecimentos pela esplêndida recepção que lhes tinha sido dispensada e pela hospitalidade do povo português. Referiu-se aos ideais de fraternidade do Escotismo e à urgente necessidade de levar a todo o mundo os sentimentos escoteiros como meio eficiente de salvaguardar a paz e concórdia entre os povos.

A cada delegação foi entregue, como lembrança do Escotismo Português, uma interessante caravela de filigrana.

Depois de um programa de canções e danças regionais, a reunião encerrou com a Canção do Adeus entoada por todos os presentes, que dando e trocando as mãos faziam a tradicional cadeia. E numa atmosfera de grande emoção foram trocadas as últimas saudações de despedida.

O Director da Secretaria Internacional do Escotismo informou a imprensa sobre o que é a Conferência Internacional e quais os seus objectivos

Como preliminar à Conferência Internacional do Escotismo, a Secretaria Internacional dirigiu convites à Imprensa e à Rádio para uma reunião no Hotel Ritz, onde, ao mesmo tempo que era servido um *cocktail*, o director daquele organismo, o Sr. major-general D.C. Spry, forneceu aos representantes dos órgãos informativos presentes esclarecimentos sobre o que era a Conferência Internacional do Escotismo e quais os seus objectivos.

Ao lado deste prestigioso dirigente escotista, sentaram-se os Srs. John F. Colquhoun, da Grã-Bretanha, Dr. Hossein Banait, do Irão, C. Roy Nichols, da Austrália, todos pertencentes ao Comité Internacional do Escotismo, e os portugueses Dr. Manuel Rodrigues de Faria, que serviu de intérprete, eng.º José Maria Nobre Santos e Lima Santos. Estiveram presentes, além de numerosos representantes da Imprensa e da Rádio; outros dirigentes escotistas: os Srs. Manuel Lopes Peixoto, eng.º Paulo de Lencastre e José Eduardo Pena Ribeiro.

O director da Secretaria Internacional depois de manifestar gratidão pela forma como as Delegações têm sido acolhidas no nosso país, agradeceu também à T.A.P. e ao S.N.I. as facilidades concedidas para a realização da conferência.

Referiu-se igualmente aos trabalhos da Conferência de Adestramento de Chefes Escotistas, que estava decorrendo, e, passando a falar da Conferência Internacional, aludiu aos progressos verificados no Movimento desde a que se realizara em Nova Delhi, há dois anos, e mostrou-se fortemente esperançado em que, daquela que começaria no dia seguinte, se obteriam os melhores resultados, o que muito viria a contribuir para o desenvolvimento do escotismo. Desse surto de progresso — disse — beneficiaria ainda maior número de rapazes em todo o mundo.

A seguir, usou da palavra o Sr. Colquhoun para dizer que a nota principal da Conferência de Lisboa era a amizade e a confiança entre todos.

O Sr. Banait afirmou que não era possível conseguir um mundo melhor sem Deus e sem amor ao próximo. Este ideal será alcançado por meio de uma melhor educação da juventude. E o escotismo, como disse B.-P., não é sòmente uma maneira de educar o rapaz; é, sim, a melhor maneira de educar o rapaz.

Por sua vez, o Sr. Nichols disse estar convencido de que a Conferência seria uma oportunidade de se estudar o desenvolvimento e o aperfeiçoamente do Escotismo no mundo. Referiu-se ainda aos ideais de fraternidade que o movimento procura estimular.

Depois de algumas perguntas de delegados da Imprensa, a que o Sr. general Spry deu breves respostas, a reunião terminou.

«Sempre Pronto»

n.º 200

e 17.º Aniversário

O nosso jornal publica em Dezembro próximo o n.º 200 e em 1 de Janeiro seguinte comemora o 17.º aniversário do início da sua publicação.

Para comemorar estes dois acontecimentos, publicaremos um número especial e realizaremos num restaurante de Lisboa um almoço de confraternização, para o qual aceitamos inscrições.

■ ■

AOS NOSSOS ANUNCIANTES:

A falta de colaboradores com tempo disponível para angariação de publicidade, serviço que exige muito tempo, tem-nos impedido de visitar aqueles amigos que, com a maior simpatia, regularmente nos honravam com anúncios das suas Empresas.

Em Dezembro próximo, para o número especial que vamos publicar, esperamos poder inserir alguns anúncios. Se os nossos amigos espontâneamente nos remetessem a sua publicidade, esse gesto teria para nós um significado tão especial, que, certamente, seria um apoio que em muito transcenderia o seu valor material.

Aqui fica o apelo.

III Conferência Internacional de Adestramento

No palácio Foz, cedido pelo Secretariado Nacional de Informação, realizou-se de 16 a 18 de Setembro a Conferência Internacional de Adestramento, na qual participaram delegados de 37 países, num total de 75 representantes. Estiveram representadas as associações nacionais da África do Sul, Alemanha, Austrália, Áustria, Bélgica, Brasil, Canadá, Chile, China, Dinamarca, E.U.A., Finlândia, Filipinas, França, Grã-Bretanha, Grécia, Holanda, Irlanda, Israel, Itália, Japão, Laos, Líbano, Luxemburgo, Malaia, Marrocos, Noruega, Nova Zelândia, Paquistão, Portugal, Sudão, Suécia, Suíça, Tailândia, Turquia, R.A.U., República Central Africana.

A Conferência estabeleceu o plano geral de treino da Insígnia de Madeira em base internacional e resolveu ainda encorajar as associações nacionais, que ainda não tenham nomeado o seu Comissário Nacional de Treino, a fazê-lo com brevidade.

Foi também resolvido efectuar a publicação de um Manual do Comissário Nacional de Treino, de forma a servir de orientação aos cursos nacionais.

A Conferência acolheu com toda a simpatia o intercâmbio de experiências e ideias e apoia a realização de Conferências de Treino no plano Regional e Internacional.

A Terceira Conferência Internacional de Treino manifestou também a sua gratidão ao Centro Internacional de Treino, Gilwell Park, pela insubstituível contribuição que tem dado ao Escotismo Mundial. A conferência expressou ainda o seu apreço à Associação dos Escoteiros Britânicos, que tornou possível esta mesma contribuição.

Foram delegados dos Escoteiros de Portugal a esta Conferência os dirigentes Srs. Eng.º Nobre Santos, José Eduardo Pena Ribeiro e Manuel Lopes Peixoto. Representaram o C. N. E. os dirigentes Srs. Dr. Manuel de Faria, Víctor de Lima e Santos e Rev. P. João Ferreira.

A Representação Nacional na Conferência Internacional de Escotismo

Foram Delegados de Portugal os seguintes Dirigentes:

Manuel Lopes Peixoto (A.E.P.)
Vítor Manuel de Lima e Santos (C.N.E.)
Eng. José Maria Nobre Santos (A.E.P.)
Dr. José Francisco dos Santos (C.N.E.)
José Eduardo Pena Ribeiro (A.E.P.)
Rev. P. João Ferreira (C.N.E.)



Na recepção oferecida pelos Escoteiros das Filipinas. O Presidente dos Escoteiros de Portugal rodeado pelos Delegados de Portugal, Espanha, Filipinas e países da América do Sul. Vêem-se ainda na gravura o nosso Escoteiro-chefe-geral, comodoro Duarte Silva; o seu adjunto comandante David de Carvalho, o secretário das Relações Internacionais, Manuel L. Peixoto e o Director do «Sempre Pronto».



Delegados africanos: Nigéria, África do Sul, Madagáscar, Marrocos, Congo e Egipto, etc.

ECOS DA CONFERÊNCIA

Os delegados da Nigéria foram a Lagos

A Delegação da Nigéria era das mais numerosas presentes na Conferência Internacional. Como a capital do seu país é Lagos, os nigerianos manifestaram curiosidade e interesse em conhecer a cidade do Algarve do mesmo nome. Sabido desse desejo, o presidente dos Escoteiros de Portugal, sr. Almirante Henrique Tenreiro, imediatamente lhes proporcionou uma rápida excursão no Domingo, dia 24, tendo sido pessoalmente acompanhados pelo nosso Presidente.

O encerramento da conferência

O encerramento da Conferência foi um acto simples, mas de profundo significado. Todos os delegados de pé pronunciaram, na sua própria língua, a Promessa Escoteira. A cerimónia impressionou os jornalistas presentes, tendo o representante do «Diário de Notícias» feito o seguinte registo no seu jornal: «O carácter de sinceridade do acto não pôde deixar de impressionar o assistente leigo, dadas as circunstâncias e o local em que decorria — o Seminário Maior de Cristo-Rei — e o facto dos ajuramentados pertencerem às mais diferentes confissões: budistas, católicos, prostestantes das várias igrejas, maometanos, judeus e as religiões africanas e orientais».

O sentido universal do Escotismo

É ainda do mesmo jornalista, o registo que a seguir transcrevemos:

«Em conversa com o General Spry, a uma pergunta acerca das suas impressões sobre a presença de variadas gentes em Portugal, dadas as circunstâncias do momento actual, respondeu:

« — Este é, exactamente, o objectivo do movimento escotista: buscar uma congregação dos espíritos mesmo sendo diferentes as suas políticas e religiões — porque existe um ponto comum, a educação da juventude e a formação do carácter de homens do futuro, que devem ter um fundo moral básico e igual de amor para com o próximo».

NÃO HÁ SEGREGAÇÃO EM PORTUGAL

Um dos delegados do Congo (ex-Belga), um jovem de cor, resolveu tomar um táxi e fazer uma corrida à linha de Cascais de visita a uma das nossas praias. Contou-nos depois que tinha apreciado muito a viagem, gostara de ver as crianças a banharem-se nas águas e ficara muito sensibilizado com o motorista do carro. Este adiantara-lhe o dinheiro para uma fotografia e tivera a atenção de lhe mostrar o retrato da família e de lhe oferecer como recordação o seu próprio retrato.

Tivemos ocasião de lhe perguntar quanto lhe tinha sido pedido e verificámos que a conta estava escrupulosamente certa.

Este incidente permitiu-nos tecer considerações acerca da hospitalidade portuguesa para com os outros povos.

O Escotismo Português dedicou um fogo de conselho aos Delegados à 18.ª Conferência

No campo de futebol do Seminário dos Olivais, realizou-se, na noite de 21, um fogo de conselho promovido pelos Escoteiros de Portugal e Corpo Nacional de Escutas, no qual participou elevado número de membros de ambas associações. O fogo foi dirigido pelos Escoteiros-Chefes Pena Ribeiro e Rev. Padre Gamboa. Assistiram muitos Delegados e Dirigentes das associações nacionais, bem como muitas senhoras de suas famílias.

Tanto os Escoteiros como os Escutas apresentavam elevado número de canções e pantominas, que divertiram o numeroso auditório. Destacou-se no C.N.E. uma interessante exibição do fandango do Ribatejo, executado por dois rapazes de Coruche. Da A.E.P., mereceu especial referência um número de pauliteiros, muito bem ensaiado e executado com precisão. No número de pantominas, agradaram: Uma «tourada», o «encantador de serpentes», e uma paródia à conferência, executadas pelo C. N. E. a primeira, e as outras pela A.E.P.

Os delegados espanhóis ofereceram também uma engraçada pantomina, que recebeu fortes aplausos.

O fogo de conselho terminou com o «É Lá!» dos Escoteiros de Portugal e a Canção da Noite apresentada pelo C.N.E.

Foi uma interessante actividade, que agradou bastante, embora pareça que as duas associações têm possibilidades de fazer melhor.

OS LIVROS ESCOTEIROS
de edição
DO «SEMPRE PRONTO»
Estão à venda na
LIVRARIA ALEGRIA
Rua da Prata, 156 — LISBOA

Comemorações da Batalha de Aljubarrota

Uma deputação de alguns grupos de Escoteiros de Portugal de Lisboa e Entroncamento, participou na jornada de juventude que se realizou em Fátima, São Jorge de Aljubarrota e Batalha em 13 e 14 de Agosto passado. Na mesma actividade participaram também filiados da M. P. e rapazes do Corpo Nacional de Escutas.

As actividades tiveram larga difusão na imprensa diária. O Sr. Bispo de Leiria celebrou missa em S. Jorge, tendo-se referido à presença dos Escoteiros de Portugal na alocução que proferiu.

O Sr. Ministro da Educação Nacional proferiu também uma vibrante exortação à Juventude, tendo afirmado em determinada altura do seu discurso:

«Vós tendes um alto ideal: Deus e Pátria. Vivei-o profundamente, lutai por ele ardorosamente, com amor verdadeiro, com fé inalterável, com confiança e destemor, que vos auguro na clara luz da profunda e ilimitada esperança cristã e portuguesa que o vosso nome não passará desmerecido como o de tristes almas duvidosas e irresolutas».

Os Escoteiros de Portugal participaram nas diversas cerimónias e um dos nossos rapazes, juntamente com um Escuta e um filiado da M. P. receberam das mãos do Ministro a réplica da espada de D. Nuno Álvares Pereira.

IMPRENSA

O CASTANHEIRENSE

Este semanário, que se publica em Castanheira de Pera, tem publicado alguns interessantes artigos acerca do Escotismo, bem informados acerca de princípios, objectivos e mesmo história do Movimento. Deve-se esta publicidade à simpatia do seu Director pelo Escotismo e ainda à reconhecida competência do seu Chefe de Redacção, o nosso amigo Sr. Roberto Canuto, um dos fundadores do Grupo n.º 1.

DO ALGARVE

NOTÍCIAS DO 60

Escoteiros ingleses no Algarve

Em Setembro findo permaneceram dez dias no Algarve, acampados no Parque de Campismo de Monte Gordo, doze caminheiros do 1rst Wandsworth Common Rover Group, dirigidos pelo subcomissário Colin A. Smith. Os «rovers», que se mostraram encantados com a hospitalidade e o clima portugueses, encontraram as maiores facilidades, quer no Parque de Campismo quer nos locais da região que visitaram. Na sede do Grupo N.º 60, onde estiveram várias vezes, foi-lhes dedicada uma reunião geral, que decorreu em bom ambiente de camaradagem.



No palácio das Necessidades, o Ministro dos Negócios Estrangeiros conversa com os Delegados. Da esquerda para a direita vêem-se: os Delegados da Venezuela, do Brasil, Sr. Dr. João Ribeiro dos Santos; do México, Eng.º Juan Lainé; o Sr. Dr. Franco Nogueira e o Sr. Comodoro Duarte Silva, Escoteiro-Chefe-Geral.

UM COLÓQUIO PARA ESCOTEIROS-CHEFES SOB A DIRECÇÃO DO DR. JOÃO RIBEIRO DOS SANTOS

Por iniciativa da Chefia Regional do Centro, na noite de 3 de Outubro p. p., poucas horas antes de regressar ao Brasil, o Sr. Dr. Ribeiro dos Santos reuniu-se com um bom grupo de escoteiros-chefes e antigos escoteiros na sede Região Centro, a fim de responder a perguntas sobre o tema: «*Problemas do Escoteiro Chefe do Grupo*».

O conceituado dirigente escotista da Nação irmã mais uma vez demonstrou a sua amizade pelo nosso movimento, respondendo a todas as perguntas, que lhe foram dirigidas, o que deu ensejo de, mais uma vez, podermos avaliar o seu profundo conhecimento do sistema de patrulhas e a enorme experiência e intuição que ele possui da chefia de grupos de escoteiros.

Entre outras respostas, desejamos anotar as seguintes:

— Os concursos interpatrulhas não devem demorar mais de 30 dias, embora haja sempre um em realização. Motivo: uma patrulha com um certo atraso perde o interesse no 1.º lugar e a sua actividade diminui. Começado um novo concurso, está logo em condições de disputar o posto cimeiro, portanto, o seu trabalho toma novo incremento.

— Os trabalhos da sede são úteis para os escoteiros. Embora a actividade escotista se desenvolva normalmente ao ar livre, isso nem sempre é possível. Na sede os escoteiros têm ocasião de se dedicarem a trabalhos que lhes dêem mais eficiência nas actividades de campo.

— Quanto menos o Chefe interfira na vida da Patrulha, melhor.

— Os escoteiros-chefes não devem interferir nas reuniões do conselho da patrulha.

— O escoteiro-chefe jamais pode castigar corporalmente um escoteiro. Tem outras formas de o corrigir, tais sejam a suspensão, a demissão, etc.

— Não há inconveniente em haver escoteiros dirigentes, mesmo com idade à volta dos 17 anos.

— O rapaz não gosta de ir acampar sempre para o mesmo local. Há conveniência em se dispor, se possível, de vários campos-escolas.

— Quando um chefe-escoteiro dá conta de que um guia se está tornando prejudicial à patrulha, deve falar com ele e aconselhá-lo. Se disto não conseguir tirar resultados positivos, deve convocar a patrulha e declarar-lhe que é necessario eleger um novo guia.

— Um grupo, de início, não deve ter mais de 8 escoteiros, que constituem uma patrulha.

— Um grupo não é mais do que uma federação de patrulhas.

— O explorador dificilmente aceita patrulhas de oito escoteiros. Nesta divisão, a patrulha não deve ter carácter permanente.

— Em caso de desastre, o escoteiro-chefe deve procurar os pais do escoteiro acidentado e expor-lhes a situação. É compreensível que um rapaz sofra um acidente quando sai com seu grupo de escoteiros, pois também o poderá ter quando está com os seus pais.

— O chefe não deve ser o «dono» do grupo. Acima dele está à Direcção do grupo, que se ocupa da administração. O chefe não trata de administração.

Este colóquio foi escutado com muito interesse e constituiu mais um valioso serviço que os escoteiros portugueses ficam devendo o ao Sr. Dr. Ribeiro dos Santos.

Tanto quanto pudemos apreciar e segundo os comentários que nos foi possível ouvir, estamos crentes de que reuniões desta natureza seriam muito úteis ao nosso movimento e suscitariam grande entusiasmo por parte daqueles que têm a seu cargo a chefia dos grupos, deste que, é claro, fossem dirigidas por elementos de reconhecidos méritos no meio escotista.

* * *

Nessa mesma noite, o Sr. Dr. Ribeiro dos Santos, tomou o avião que o levou ao Rio de Janeiro, tendo tido uma afectuosa despedida no aeroporto.

O Sr. Almirante Henrique Tenreiro, presidente dos Escoteiros de Portugal, recebeu a mais alta condecoração dos Escoteiros das Filipinas

Por ocasião da Conferência Internacional, a Delegação das Filipinas ofereceu um lanche no Hotel Tivoli aos Delegados dos países ibero-americanos. Estiveram presentes os representantes da Argentina, Brasil, Chile, Cuba, Espanha, Portugal e Venezuela. Como convidados estavam ainda o Sr. Almirante Henrique Tenreiro, Comodoro Daniel Duarte Silva, presidente e escoteiro-chefe-geral dos Escoteiros de Portugal; bem como o nosso Director.

Os Delegados das Filipinas Srs. G.A. Daza, Presidente e chefe Nacional daquela associação; H.B Reyes, Manuel B. Nolasco, Godofredo P. Neric e António C. Delgado, receberam os seus convidados com simpatia, entre manifestações de cavalheirismo, dispensando a todos a maior atenção. Em determinada altura da recepção, o Chefe Nacional das Filipinas, Sr. Daza, anunciou que os «Boy Scouts of the Philippines» tinham resolvido galardoar o Presidente da Associação dos Escoteiros de Portugal, Sr. Almirante Tenreiro, com a Medalha Búfalo de Prata, a sua mais alta condecoração, tendo-lhe imposto o colar com a respectiva insígnia, acto que foi sublinhado com uma salva de palmas.

O Sr. Almirante Tenreiro manifestou a sua gratidão pela distinção que lhe era concedida, tanto mais por provir de um país a que nos ligam recordações e que tinha já tido o prazer de visitar. Sublinhou a satisfação que sentia em estar na presença de representantes de nações tão amigas, aonde os nossos navegadores levaram há séculos alguma coisa de Portugal e onde deixaram os seus mais altos sentimentos, nações que são hoje nobres e prósperas.

A reunião continuou ainda durante agradáveis momentos de são convívio.

PÁGINA DO ESCOTEIRO

(Conclusão da página 4)

Insígnias de Aptidão

Convém saber que as insígnias de aptidão, as especialidades, se dividem em 7 categorias, a que correspondem outras tantas cores nos círculos que rodeiam os respectivos desenhos.

APTIDÕES FÍSICAS (Círculo verde escuro)

Ginasta	Ciclista
Alpinista	Lançador
Archeiro-Atirador	Mestre de Armas
Barqueiro	Nadador
Cavaleiro	Esquiador

VIDA DE CAMPO (Círculo vermelho escuro)

Campista	Pioneiro
Cozinheiro	Pescador
Explorador	Sinaleiro
Colonial	

OBSERVAÇÃO E ESTUDO DA NATUREZA (Círculo azul escuro)

Observador	Observador
Botânico	Amigo das aves
Cosmógrafo	Meteorologista
Entomologista	Batedor
Geólogo	Topógrafo

HABILIDADE MANUAL (Círculo amarelo)

Mãos hábeis	Pedreiro	Rádio-telegrafista
Arquitecto	Mecânico	Fotógrafo
Artista	Metalurgista	Tecelão
Sapateiro	Marceneiro	Alfaiate
Desenhador	Modelista	Tipógrafo
Electricista	Pintor	

APTIDÕES AGRÍCOLAS (Círculo amarelo escuro)

Apicultor	Jardineiro
Criador	Leiteiro
Lavrador	Vinicultor

AUXILIAR O PRÓXIMO (Círculo vermelho)

Socorrista	Mensageiro
Guia de Região	Salvador
Intérprete	Secretário
Enfermeiro-higienista	

APTIDÕES ARTÍSTICAS (Círculo azul claro)

Actor	Cronista
Artista	Cantor
Animador	Músico

As insígnias usam-se do lado direito sobre o braço entre o cotovelo e o ombro por filas de três insígnias na ordem da sua aquisição.

Esta nomenclatura das insígnias não corresponde àquela que temos publicado, que é do regulamento britânico, dada a circunstância de não termos ainda regulamentado este assunto. A nomenclatura agora publicada é trancrita do «Livre des Brevets» dos E. F.

TRAD. POR HÉLDER

FILATELIA

Selos portugueses na temática escoteira?

Encheu-nos de júbilo, como escoteiro e afecto à filatelia, a notícia lida há meses nos jornais e secções da especialidade, de que a Administração-Geral dos C.T.T. ia lançar uma emissão comemorativa da Conferência Internacional de Escotismo, há pouco realizada em Lisboa. Esperámos a emissão na altura própria, com a maior curiosidade, a que não se alheava alguma impaciência por estabelecermos confrontos, analisarmos o interesse do motivo escolhido para o selo ou selos e apreciarmos o maior ou menor bom gosto que presidia à sua execução, mas a Conferência terminou e a série escotista portuguesa não surgiu.

Conhecedores dos atrasos com que por vezes se depara em casos desta natureza, dos imponderáveis que podem aparecer nas várias fases da feitura dos selos, não desanimámos, todavia, confiados em que não se fará demorar a saída da primeira série no nosso país dedicada ao Escotismo, para alegria dos muitos que acreditam e conhecem a grande expansão da filatelia.

Exposição de Filatelia Escoteira

Ao termos conhecimento da projectada organização em Lisboa, pela Secção Filatélica da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, da Exposição de Filatelia Escoteira, lembrou-nos como seria interessante que esta, em moldes nacionais, coincidisse com a Conferência Internacional de Escotismo, numa altura em que as atenções gerais convergiam para o nosso Movimento, mostrando aos escoteiros e população da capital a projecção de que este universalmente desfruta, traduzida nas muitas dezenas de séries de selos dedicadas ao Escotismo por inúmeros países, lembrando simultâneamente aos membros da Conferência que acompanhávamos através da filatelia a evolução do inigualável método educativo de Baden-Powell e o carinho que pelo Mundo lhe é dedicado.

Factores de ordem vária, a que «Sempre Pronto» já aludiu, impediram que a exposição se tornasse até agora realidade. Esperamos, no entanto, que todas as dificuldades venham a ser satisfatòriamente resolvidas e que neste mesmo ano de 1961, em que Lisboa teve a honra de receber os representantes do Escotismo mundial, nela venha a estar patente aos olhos e ao espírito daqueles a quem interessar, tudo ou quase tudo o que em matéria filatélica tem tido como base o Escotismo. Seria ainda magnífico que a data gloriosa do 1.º de Dezembro, pelo seu transcendente significado nacional, fosse a escolhida para a inauguração da Exposição Portuguesa de Filatelia Temática Escotista.

Sê-lo-á?

J. M. PEREIRA

■ ■

SURINAME

Para comemorar o «Jamborette 1951» das Guias, os Correios de Suriname fizeram uma emissão de uma série de 5 selos com interessantes motivos de actividades das Guias: Homográfico, saudação, fadinhas, fogo de conselho e cozinha de campo, nas taxas de 8c+2, 10c+3, 15c+4, 20c+5 e 25c+6.

Suriname é a designação oficial da Guiana Holandesa, nome que foi adoptado de um dos principais rios da região.

■

SIÃO

Emitiu em Julho passado uma série de três selos escoteiros das taxas de 0,50, 1 e 2 da respectiva moeda nacional.

■

DIÁRIO DE LISBOA

A Secção de Filatelia, que o «Diário de Lisboa» publica todos os Domingos sob a competente direcção do Sr. Dr. A. J. de Vasconcelos Carvalho, referia-se em 10 de Setembro passado a esta secção de «Sempre Pronto», tendo a gentileza de cumprimentar calorosamente o seu autor, cumprimentos que sinceramente retribuímos. Lia-se ainda na mesma local: «Pedimos aos C.T.T. e aos C.T.T.U., mais uma vez, que a todas essas secções sejam enviados os novos selos e a literatura respectiva. Ainda não perceberam que é uma semente que será paga com juros astronómicos?!

Agradecemos a atenção e interesse dispensados a «Sempre Pronto».

Noutro local dessa secção era feita referência ao adiamento da II Exposição Filatélica Escoteira, que terá o patrocínio do Clube Filatético de Portugal.

DOS AÇORES

Grupo n.º 52 DA A.E.P. — ANGRA DO HEROÍSMO

Acampamento do Rolo

Os Escoteiros do 52 escolheram a freguesia da Terra-Chã para o seu acampamento anual e assim estiveram acampados, de 12 a 15 de Agosto, nas imediações da ermida de N. Sra. de Fátima, ao Rolo.

No sábado 12, houve velada na paroquial de N. Sra. de Belém, com meditação da Lei do Escoteiro, terço e bênção. Com esses actos, quiseram os Escoteiros de Portugal integrar-se na jornada de fé e patriotismo promovida por muitas centenas de rapazes das organizações escotistas nacionais e da M. P., e que à mesma hora estariam concentrados em Fátima.

O Rev. Capelão Ten. Manuel Aguiar de Meneses, proferiu uma inspirada alocução ao escotismo e de exortação à juventude, que calou fundo no ânimo dos presentes.

No Domingo, realizou-se na mesma igreja, conduzida pelo Chefe J. R. Moniz Silva, a cerimónia do «baptismo» do novo Caminheiro do «52», Pedro Valdemar Hilário, que estava acompanhado de sua Madrinha D. Maria João Arruda, e duma delegação de Escoteiros de Portugal.

GENERAL DANY

Após 3 anos de permanência entre nós, deixou o comando das Forças Americanas do Destacamento das Lajes (B. A. 4), tendo regressado no dia 9 de Agosto aos Estados Unidos, o Sr. General George Bernard Dany, que deixou muitas simpatias nesta Ilha, pelo seu aprumo, finura de trato e maneira de tratar com os portugueses.

O Sr. Gen. Dany interessa-se sobremaneira pelas actividades da juventude, mormente pelo movimento escotista.

O Chefe Moniz Silva, na sua missão de intercâmbio escotista e ligação entre os escoteiros portugueses e americanos, teve oportunidaee de privar de perto com o sr. Gen. Dany, que o distinguia com a sua consideração e amizade.

No cartão de despedida ao Chefe do «52», o sr. Gen. Dany escreveu: — «My profound appreciation for your leadership in Scouting which has contributed immeasurably to the success of our fine relations». — *C.*

4.º «Jamborette» Açoriano

Promovido pelo Grupo 1-Lajes dos «Boy Scouts of America», realizou-se de 1 a 11 de Julho, numa aprazível mata nas Fajãs da Agualva, na Ilha Terceira, um acampamento em que tomaram parte, além do Grupo Americano, o Grupo N.º 52 e, nos últimos 4 dias, uma delegação do Agrupamento do C. N. E. da Base Aérea N.º 4 (Lajes), tendo estado em campo um total de 50 escoteiros e dirigentes.

No Domingo, houve festa de campo, tendo havido muitas visitas de americanos e portugueses, que se mostraram muito interessados pelos trabalhos de campo, nos quais se distinguiram os Escoteiros de Portugal, nomeadamente com o seu «refeitório» e dependências, construídos apenas com matérias-primas encontradas no local. Entre outros trabalhos contavam-se a torre de observação dos rapazes do CNE, e a ponte Himalaia do Grupo Americano.

O Sr. General Dany, comandante das Forças Americanas aquarteladas naquela Base, demorou-se no subcampo do 52, na companhia de sua Esposa, trocando impressões com o Chefe Moniz Silva.

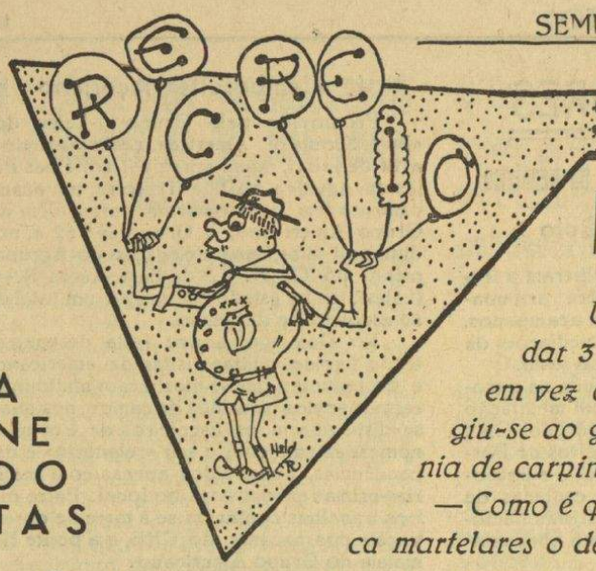
Entre os números apresentados na Festa de Campo pelos nossos irmãos americanos, destacaram-se diversas danças típicas dos peles vermelhas, pelo Chefe Ray Blanton.

Estiveram de visita ao acampamento, no dia 9, além de Lobitos e Escoteiras Americanas, destacamentos de Lobitos e Escoteiros dos Grupos do CNE da B. A. 4 e da Praia da Vitória, assim como numerosas aspirantes dum grupo de Guias de Portugal em formação na B.A. 4.

O acampamento realizou-se no local destinado ao futuro campo escotista permanente da Ilha Terceira, louvável empreendimento dos nossos irmãos americanos do Troop-I-Lajes — «Boy Souts of America», cuja utilização êles tornam extensiva a todas as unidades escotistas dos Açores.

O campo foi dirigido pelo Chefe Ray Blanton, auxiliado por vários ajudantes, sob a superior orientação do Martin J. Weimar, presidente do «Lajes Boy Scouts Committee».

O Sr. General Dany, comandante do destacamento americano, dedicou o seu costumado artigo no «Crossroads Courier» (órgão da A. A. T. S., publicado em Angra do Heroísmo), ao acampamento agora realizado e ao futuro campo permanente, tendo-se dignado fazer uma referência especial ao Chefe Jacinto dos Reis Moniz Silva, dos «Escoteiros de Portugal». — *C.*



PÁGINA alegre PARA MIÚDOS e GRAÚDOS

COORDENADA POR: HÉLDER MARTINS

ANEDOTAS

Um Escoteiro depois de dar 3 marteladas no dedo em vez de dar no prego, dirigiu-se ao guia que tinha a insígnia de carpinteiro.

— Como é que tu fazes para nunca martelares o dedo?

O guia, com um sorriso autoritário, respondeu:

— Agarro no martelo com as duas mãos!

Que sabes da vida da Srª. Rã?

Se quiseres saber até que ponto conheces a vidinha desta senhora não terás de fazer mais do que a comparação entre as tuas respostas e as soluções.

1.º Quantas pálperas têm os olhos das rãs?

2.º A rã coacha de inverno?

3.º Que existe entre os dedos da rã?

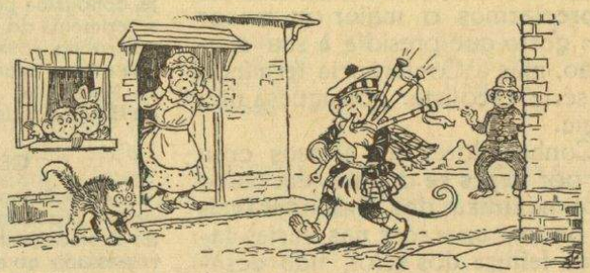
Solução: 1.º 3 pálpebras. 2.º Não. Pois é precisamente no inverno que elas hibernam. 3.º Uma membrana interdigital que lhes une os dedos e lhes facilita a natação.

AVENTURAS DE FIFI

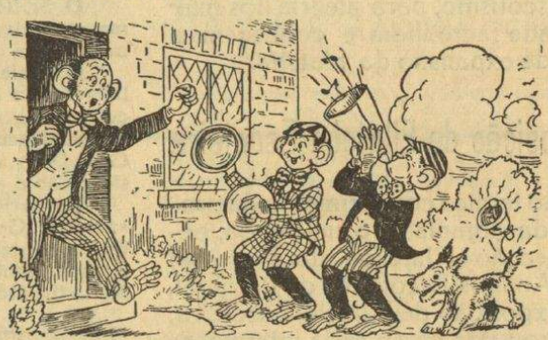
XIX



1. Fifi sempre teve vocação para a música. Mas a verdade é que, sem trabalho a estudar, nunca conseguirá ser um bom executante. E, assim quando julgava poder mostrar as suas habilidades naquela arte tão difícil, só consegue causar hilaridade...



2. No entanto, não desanima. Decide-se por outro instrumento: a gaita de foles. Mas parece que não é mais feliz. As pessoas assustam-se e até o polícia parece que não vai deixar de intervir para que cesse o barulho...



3. Ei-lo noutra tentativa. No entanto, o famoso trio não é bem acolhido pelo senhor, que está bastante zangado. Temos a impressão que o cãozinho é que dá maior realce ao conjunto...

SOLUÇÕES

DO NÚMERO ANTERIOR

Problema Policial — O Inspector Z anotou que um dos suspeitos mentiu, e na realidade, é fácil verificar isso no depoimento da ajudante da vítima, ao dizer: «...examinava a flor dum polipódio...» pois o polipódio sendo uma Pteridofita Filicínea, não, tem flor.

CHARADAS COMBINADAS

1 - . . + TERNO = do lado de fora.
2 - . . + URAL = mais que um.
3 - . . + GÃO = instrumento.
4 - . . + ESTRAS = treinas.
5 - . . + LAR = debruar.

Substituindo os pontos por letras e unindo as sílabas encontrará o nome do membro de um movimento juvenil.

Resposta: Explorador.

PALAVRAS AO QUADRADO

F	A	E	P	
A	L	T	O	
E	T	A	S	
P	O	S	E	

Assim dada esta solução, cremos que será mais fácil a compreensão do passatempo.

Serás capaz...

... de arranjar os nomes dos rios Portugueses que são sinónimos das palavras abaixo indicadas? Se não sabes, não há outro remédio, vê a solução!

1.º → Pássaro.
2.º → Gosto.
3.º → Filtra.
4.º → Oferecem.
5.º → Repara.

Resp.: 1 — Ave; 2 — Sabor; 3 — Coa; 4 — Dão; 5 — Mira.

ENIGMA

A minha primeira letra encontra-se em caridade e não em amor; a segunda em mundo e não em terra; a terceira em tristeza e não em melancolia; a quarta em alegria e não em prazer; a quinta em inveja e não em cobiça; a sexta em vontade e não em desejo; a sétima em fonte e não em nascente.

O meu todo é o nome de uma cidade da Europa onde S. Paulo esteve.

Solução: CORINTO

GRAUS DE PARENTESCO

O Sr. Serapião Feliz Boavida recebeu uma carta assinada pela filha da nora do pai dele.

O Sr. Serapião ficou «serapiado» a pensar, fazendo cálculos, raízes quadradas e depois de duas semanas conseguiu achar o enigma. E vocês? Conseguiram saber que grau de parentesco tinha o Sr. Serapião com a filha da nora do pai dele? Só nos resta ver a solução!

Resp.: A carta era da filha do Sr. Serapião Feliz Boavida. Estava-se mesmo a ver.

A utilizar sòmente no Continente e Ilhas Adjacentes

RSF

Não carece de selo. O porte será pago pelo destinatário.

Bilhete Postal — Resposta
Autorizado pelos C. T. T.

Redacção do

«SEMPRE PRONTO»

TRAV. VITORINO DE FREITAS, 9

LISBOA 3

SEMPRE PRONTO é o mensário que há perto de 20 anos serve o Escotismo em Portugal com uma tenacidade e elevação que tem merecido louvores de todos aqueles que se devotam à causa do Escotismo.

Para que este facho permaneça bem aceso é indispensável a cooperação de todos os Escoteiros, Antigos Escoteiros e outros Amigos. E a melhor forma de colaborar é conseguir novos leitores.

Assinaturas:

Quota anual 18$00

» semestral 9$00

Uma campanha de «SEMPRE PRONTO»

MAIS UM ASSINANTE

Só mais um assinante! Eis uma campanha simples e de êxito garantido se o estimado amigo quiser. Só pedimos uma assinatura, mas essa assinatura é a sua.

— Já é assinante?

— Mande-nos a assinatura de seu afilhado, do seu amigo, do seu vizinho ou do seu colega. Mas não deixe de nos enviar uma só assinatura. Depende da sua cooperação o êxito desta Campanha.

NOME .....

MORADA .....

EM ..... ASSINATURA anual / semestral

COBRANÇA EM .....

Assinatura

DATA :

.....